

INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS POLICIAIS E SEGURANÇA INTERNA



PAULO CÉSAR PONTE REGO

Aspirante a Oficial de Polícia

Mestrado Integrado em Ciências Policiais

XXIX Curso de Formação de Oficiais de Polícia

Terrorismo *lone wolf*:

Uma revisão da literatura

Orientador:

Prof. Doutor Sérgio Ricardo Costa Chagas Felgueiras

Coorientador:

Prof. Doutor Paulo Filipe de Sousa Figueiredo Machado

Lisboa, ISCPSI, 3 de maio de 2017





PAULO CÉSAR PONTE REGO

Aspirante a Oficial de Polícia

Mestrado Integrado em Ciências Policiais

XXIX Curso de Formação de Oficiais de Polícia

Terrorismo *lone wolf*:

Uma revisão da literatura

Dissertação apresentada ao Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna com vista à obtenção do grau de Mestre em Ciências Policiais, elaborada sob a orientação científica do Prof. Doutor, Intendente Sérgio Felgueiras e coorientação do Prof. Doutor Paulo Machado

AGRADECIMENTOS

Chegado a este momento é altura de agradecer a todos os que tiveram participação ativa no meu desenvolvimento pessoal e académico.

Aos docentes do ISCPSI pelos conhecimentos transmitidos.

Ao pessoal do Quadro Orgânico do ISCPSI por toda a disponibilidade e entrega para que a nossa estadia fosse sempre a melhor possível.

Aos orientadores. Ao Intendente Sérgio Felgueiras por ter aceite o desafio, pela sua disponibilidade e pelo estímulo intelectual que provoca com as suas críticas. Ao Professor Paulo Machado, pelo seu saber científico e pelos seus contributos sempre enriquecedores.

Aos camaradas do XXIX CFOP por todas as experiências e vivências ao longo deste cinco anos.

Aos amigos. Mesmo com a distância física e temporal estão sempre dispostos a dar o melhor de si. Ao Pedro Santos, ao Zé Mário, à Ana Costa pela vossa preciosa ajuda. Ao João Teixeira e ao Nuno Ferreira pela vossa amizade e apoio nos meus piores momentos: convosco “vou p’rá guerra”.

Aos meus Pais e irmão pelo Amor incondicional.

Por último, agradecer à Carla, companheira de vida e para a vida, de aventuras e desventuras. Pilar de Força e Amor.

RESUMO

O terrorismo representa uma ameaça à segurança das pessoas e coloca em causa os próprios Estados. Numa sociedade em rede e altamente globalizada, a ameaça terrorista é transnacional e difusa, e os impactos negativos dos atentados terroristas têm também repercussões globais.

Tal como a realidade quotidiana se altera com rapidez nunca dantes vista, também as táticas das organizações terroristas sofrem mutações de modo a fazer face ao aumento da eficácia do contraterrorismo. Assim, a partir do atentado de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos da América, assistiu-se ao reaparecimento do recurso à resistência sem liderança (*leaderless resistance*). Várias organizações terroristas, independentemente da ideologia, apelam a que as pessoas que se revêm nas suas exigências levem a cabo ataques terroristas de modo a que as suas exigências sejam atendidas. Por isso, tem-se assistido a ataques terroristas levados a cabo por indivíduos, sem qualquer dependência hierárquica de organizações e redes terroristas, ainda que partilhem as suas ideologias extremistas: os designados terroristas *lone wolf*. Assim, realizou-se uma revisão da literatura com o objetivo aumentar a nossa compreensão acerca do terrorismo *lone wolf*.

Palavras-chave: terrorismo; contraterrorismo; resistência sem líder; *lone wolf*.

ABSTRACT

Terrorism poses a threat to the security of people and puts into question the States themselves. In a networked and highly globalized society, the terrorist threat is transnational and diffuse and the negative impacts of terrorist attacks also have global repercussions.

As everyday reality evolves with unseen speed, so the tactics of terrorist organizations mutate to face the increased effectiveness of counterterrorism. Thus, since the attack of September 11th, 2011, we have witnessed the reappearance of leaderless resistance tactics. A number of terrorist organizations, regardless of their ideologies, are calling for people who identify with their demands to carry out terrorist attacks so that their demands are met. Hence, we have witnessed terrorist attacks carried out by individuals without any hierarchical dependence on terrorist organizations and networks, even though they share their extremist ideologies: the so-called lone wolf terrorists. Thus, a review of the literature was undertaken in order to increase our understanding of lone wolf terrorism.

Keywords: terrorism; counterterrorism; leaderless resistance; lone wolf.

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	ii
RESUMO	iii
ABSTRACT.....	iv
ÍNDICE	v
INTRODUÇÃO	1
NOTA METODOLÓGICA	3
CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO	4
1. Conceito de Terrorismo	5
1.1. Terrorismo lone wolf.....	8
1.1.1. Definição de terrorismo lone wolf	10
1.1.2. Perfil do terrorista lone wolf e as suas caraterísticas individuais	14
1.1.3. Prevalência e modus operandi	18
CAPÍTULO II – A PREVENÇÃO E REAÇÃO A ATAQUES LONE WOLF	25
1. O processo de radicalização	25
1.1. A radicalização	26
2. Isolamento social.....	31
3. Alteração de comportamento, leakage e interações com as forças de segurança	32
4. O uso da Internet e das redes sociais	35
4.1. A Internet e as possibilidades de deteção.....	39
5. Outras possibilidades de resposta contra o terrorismo lone wolf	45
Capítulo III – A FACE VISÍVEL DO TERRORISMO POR LONE WOLF	55
1. O exemplo do ataque de Anders Breivik	56
CONCLUSÕES.....	62
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	68

INTRODUÇÃO

A vida em sociedade hoje em dia tornou-se complexa. Hoje em dia vivemos numa era do digital, das sociedades em rede (Castells, 2010) em que as dinâmicas sociais são cada vez mais flexíveis e fugazes. As tecnologias de informação e comunicação da nossa era digital vieram alterar a forma como percebemos o mundo e a nossa relação com tudo o que nos rodeia.

Vivemos no designado tempo da 4.^a Revolução Industrial (Bloem et al., 2014; Ferreira, Konde, Fernández, & Prado, 2016) onde inúmeros avanços tecnológicos como inteligência artificial, nanotecnologia, veículos autónomos, impressão 3D, entre outros, vão alterar a forma como nos relacionamos com o mundo.

Todos esses avanços tecnológicos têm sempre o reverso da medalha. A tecnologia em si não é boa ou má. O uso que as pessoas fazem das novas tecnologias é que pode ser criador de novos riscos (Beck, 1992) e ameaças. Ou então, ameaças que sempre existiram, como o crime em geral, o terrorismo em particular, sofrem mutações a um ritmo mais elevado (Becker, 2016).

O terrorismo aproveita e acompanha nova era das tecnologias de informação e comunicações e recupera um *modus operandi* do séc. XIX, a resistência sem líder (Bakker, 2006; Bates, 2012; Beam, 1992; Joosse, 2017; Kaplan, 1997; Kaplan, Löow, & Malkki, 2014). Todavia, a resistência sem líder dos finais do séc. XX e do atual séc. XXI, faz-se no contexto da quinta vaga do terrorismo (Rapoport, 2004; Simon, 2013), caracterizada pela forte componente tecnológica e pela atuação de indivíduos de modo isolado, sem qualquer direção e comando hierárquico de organizações ou redes terroristas alargadas: os terroristas *lone wolf* (Bakker & de Graaf, 2011, 2011; Ellis et al., 2016; Spaaij, 2012; Spaaij, 2010).

Foi da constatação da emergência desta forma de terrorismo perpetrado por *lone wolf* que nos propusemos a aumentar o nosso conhecimento acerca deste fenómeno e do que leva alguém a abraçar o extremismo violento de forma isolada. Só através do conhecimento e compreensão profundos deste tipo de terrorismo se poderão desenvolver respostas eficientes no seu combate.

O terrorismo *lone wolf* constitui uma ameaça à segurança pública de carácter imprevisível e um desafio às forças e serviços de segurança à escala global.

Para aumentar o nosso conhecimento acerca do terrorismo *lone wolf* o nosso trabalho dividiu-se em três Capítulos.

No Capítulo I – Enquadramento Teórico – procurámos caracterizar o conceito de terrorismo. Partimos duma definição geral do conceito de terrorismo (Ganor, 2002; Laqueur, 2001; Schmid, 2004; Schmid & Jongman, 2005; Weinberg, Pedahzur, & Hirsch-Hoefler, 2004). Verificámos que uma definição do conceito de terrorismo é possível, desejável e necessária (Ganor, 2002). Neste mesmo capítulo, numa tentativa de restringir ainda mais o campo concetual abordámos o conceito de resistência sem líder (*leaderless resistance*), nomeadamente, a sua origem histórica no séc. XIX e as razões do seu reaparecimento nos finais do séc. XX e início do séc. XXI. Este conceito encontra-se na génese daquilo que hoje designámos de *lone wolf*, conceito que não gera consensos e por isso sofre de problemas de definição (Alfaro-Gonzalez et al., 2015; Ellis et al., 2016; Spaaij & Hamm, 2015b) o que dificulta a o seu combate. Por fim, explorámos diversa literatura que nos desse indicações acerca de um possível perfil do *lone wolf* baseado na idade, ideologia, prevalência, letalidade, *modus operandi*.

No Capítulo II – A Prevenção e Reação a Ataques *Lone Wolf* – debruçamo-nos sobre aspetos considerados como importantes na deteção de *lone wolves*, nomeadamente o processo de radicalização, visto à luz da teoria da aprendizagem transformadora (Mezirow, 1991; Wilner & Dubouloz, 2011), que leva a alterações cognitivas e comportamentais. Do processo de radicalização importa também distinguir que esta pode ocorrer ao nível somente cognitivo (radicalização de opinião) e que são necessários certas condicionantes para que haja uma radicalização de ação (Moskalenko & McCauley, 2011). Neste capítulo também explorámos os comportamentos de alerta que os *lone wolves* tendem a manifestar, por exemplo, o *leakage* e da possibilidade de deteção que o proporcionada pelo uso da Internet por parte dos *lone wolves*.

No III Capítulo – A face visível dos ataques por *lone wolf* – analisamos o caso de Anders Breivik com o intuito de mostrar o processo de transformação que nele ocorreu, culminado com o ataque em Oslo e na Ilha de Utoya em 2011.

Para a redação desta dissertação utilizámos o novo acordo ortográfico.

NOTA METODOLÓGICA

O nosso trabalho assume-se como uma revisão da literatura sobre o *lone wolf*.

Adotámos a revisão da literatura por este ser um tema quem vem sendo alvo de interesse crescente (Alfaro-Gonzalez et al., 2015; Bakker & de Graaf, 2010; Clare Ellis et al., 2016; Simon, 2013; Ramon Spaaij, 2012) mas que se mantém controverso, porque ainda muito se desconhece sobre esta forma de rara, mas com tendência a aumentar.

Após a decisão de querer conhecer e compreender melhor o terrorismo *lone wolf* e delimitá-lo, decidimos abordar a temática examinando o que outros já refletiram e escreveram acerca do assunto (Berg, 2001). Isso implica identificar e analisar as investigações prévias relevantes sobre o assunto de modo aprofundar o conhecimento do problema a que nos propomos a estudar (Coutinho, 2014). A nossa revisão da literatura iniciou-se com uma pesquisa de fontes secundárias, nomeadamente, a *Elton B. Stephens Co* (EBSCO), especificamente a *EBSCO Discovery Service* disponível no *site* da Agência da União Europeia para a Formação Policial (CEPOL). Posto isto, decidimos fazer uma pesquisa utilizando várias palavras-chave/descriptores (Coutinho, 2014) relacionadas a temática em estudo: terrorismo, *lone wolf*, *leaderless resistance*, *leaderless jihad*, *homegrown terrorism*, *freelance terrorism*, *uncoordinated violence*, *membership by deed*, *radicalization*, *violent extremism* (Bakker & de Graaf, 2010; Kaplan, 1997; Kushner, 2003; Sageman, 2008; Striegher, 2013). Também foi utilizada a fonte secundária disponibilizada na *Homeland Security Digital Library*¹ que disponibiliza uma lista bibliográfica.

Foi desta pesquisa de fontes secundárias que extraímos as fontes primárias mais importantes e relevantes para a nossa revisão da literatura que posteriormente nos permitiram fazer uma análise crítica e síntese do estado da arte (Coutinho, 2014) que conduziram a algumas conclusões.

¹ <https://www.hSDL.org/?view&did=727224>

CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Da miríade de riscos e ameaças à segurança das populações, à segurança interna dos vários países e à segurança da União Europeia como um todo (European Commission, 2011), salientamos a ameaça terrorista. Esta constitui um dos principais desafios em que 25% dos Europeus consideram mesmo como o mais importante desafio à “segurança nacional” (European Commission, 2011, p. 11). Ainda assim cerca de 60% dos Europeus consideram que a União Europeia está a fazer o suficiente para combater o terrorismo (European Commission, 2011). Segundo 90% dos Europeus, são as polícias e os tribunais que devem estar na linha da frente no combate ao terrorismo (European Union-DG COMM, 2015).

O TE-SAT² 2015 (Europol, 2015) confirma que a ameaça terrorista na Europa mantém-se numa tendência crescente, e alerta para a tendência de aumento de ataques levados a cabo por um único actor (*lone actor*) (Ellis et al., 2016; Spaaij, 2015), o que de forma simplista se caracterizam por serem indivíduos que não têm uma ligação formal a redes e organizações terroristas e, geralmente, são desconhecidos das forças de segurança e dos serviços de inteligência. Este fenómeno, segundo o mesmo relatório, é exacerbado pela manutenção dos conflitos na Síria e no Iraque. No ano de 2015, na Europa, o número de vítimas mortais e feridos provocados por ataques terroristas resultantes, quer por ator único, quer levados a cabo por grupos associados a redes e organizações terroristas aumentou (Europol, 2015).

Segundo o TE-SAT de 2016 (Europol, 2016), dos 211 ataques terroristas na Europa resultaram 151 mortes e mais de 360 feridos. De salientar que 148 dessas mortes verificaram-se em França com os ataques ao Charlie Hebdo a 7 de Janeiro de 2015 e o ataque de Paris a 13 de Novembro de 2015. De acordo com o mesmo relatório, a ameaça de terrorismo de inspiração religiosa jihadista representa a maior preocupação dos Estados-Membro (EM) no que concerne ao terrorismo. Esta ameaça é encabeçada pelo Estado Islâmico (EI) e pela *Al-Qaeda*, especialmente a *Al-Qaeda in the Arabic Peninsula* (AQAP). A Europol sabe que as células terroristas que operam na UE são domésticas, que o processo de radicalização é rápido e ainda que são seleccionados os chamados *soft targets* como forma de provocar um maior pavor às populações. Os ataques por *lone actor* constituem a tática mais utilizada pelos seguidores do EI e da *Al-Qaeda*, uma vez que

² Sigla para *Terrorism Situation & Trend Report*.

estas duas organizações exortaram os seus seguidores que vivem em países ocidentais para fazerem este tipo de ataques, considerando os princípios doutrinários destas organizações.

Antes de começarmos a explorar o fenómeno de terrorismo *lone-wolf* pretendemos aprofundar e densificar o conceito de terrorismo propriamente dito.

1. Conceito de Terrorismo

O terrorismo é um “fenómeno complexo e multidimensional” (Schmid, 2004, p. 380), dinâmico e em constante mutação (Ganor, 2015), cuja definição é difícil por ser um conceito eminentemente político não gerando consensos políticos e académicos (Ganor, 2002; Spaaij, 2012; Weinberg, Pedahzur, & Hirsch-Hoefler, 2004). Laqueur (2001) defende que nunca será possível chegar a uma definição compreensiva do fenómeno que conseguisse “cobrir todas as variedades de terrorismo que ocorreram durante toda a história” (p. 7).

Historicamente, a palavra terrorismo tem origem no Latim, no étimo *terrere* que significa assustar/amedrontar/terrorizar (Bolz Jr, Dudonis, & Schulz, 2016) e foi definido pela primeira vez em 1798, numa adenda ao *Dicionário da Academia Francesa* que o definia como “sistema, regime de terror” referindo-se ao período de terror após a Revolução Francesa. Não tardou que o termo se espalhasse pela Europa e ampliasse o seu significado.

Na década de 1970 assistiu-se a uma tentativa prolífica de definição do terrorismo todavia, no século XXI a dificuldade para conceptualizar este conceito continua. Weinberg et al. (2004) apontam várias razões que têm contribuído para a indefinição do conceito de terrorismo, nomeadamente o aproveitamento do terrorismo para obtenção de objetivos políticos utilizando a propaganda que se gerou associada ao terrorista com a célebre frase de Laqueur (2001, p. ix) “terroristas para uns, lutador da liberdade para outros”³ que esteve associada à segunda onda do terrorismo moderno (Rapoport, 2004). É após o Tratado de Versalhes as grandes potências coloniais europeias viram florescer nos seus impérios movimentos terroristas que tinham como objetivo a libertação do jugo imperial. Esta onda do terrorismo moderno foi particularmente ativa no período compreendido entre os anos 20 e 60 do séc XX.

³ Nossa tradução de “one man’s terrorist was another person’s freedom fighter”.

Para Weinberg et al. (2004), o conceito de terrorismo é difícil de definir porque muitas vezes é difícil distinguir onde acaba o terrorismo e começam outras formas de violência política como a guerrilha e a guerrilha urbana. Além disso a definição também é afetada pela forma como os atos terroristas são valorados conforme a distância física ou então o conceito é *estendido* de modo a cobrir novas áreas ainda pouco definidas como o narcoterrorismo ou ciberterrorismo.

Para Ganor (2002), uma luta eficaz contra o terrorismo depende de uma definição cabal e consensual por parte da comunidade internacional de modo a evitar-se a posição de Laqueur (2001) exposta anteriormente. Ganor (2002) defende que uma definição eficaz de terrorismo deve assentar nos mesmos princípios legais internacionalmente aceites que regulam as guerras convencionais entre estados, como por exemplo, a Convenção de Genebra e a Convenção de Haia. Estes princípios seriam extensíveis, por exemplo, ao terrorismo e à guerrilha, sendo que o que importa para distinguir os conceitos tem a ver com a qualidade que o alvo escolhido assume: civil ou militar. Assim sendo, ainda que terrorismo e guerrilha possam ter os mesmos objetivos ideológicos, políticos e religiosos e que façam uso da violência deliberada para os alcançar, o facto do alvo visado ser civil (terrorismo) ou militar (guerrilha). De acordo com Ganor (2002), esta definição é de grande utilidade, na medida em que esvazia o discurso de “guerreiro da liberdade” por parte dos terroristas, porque ainda que os seus motivos sejam legítimos, a partir do momento em que visam alvos civis seriam tratados como terroristas. O terrorismo, tal como definido por Ganor (2002), deve ser visto como um crime que prejudica a Humanidade e para tal devem ser adotadas pelas leis internacionais e de cada país, para que incorporem esta definição de terrorismo de modo a torná-lo um crime repudiado a nível global e assim “trazer uma mudança no cálculo custo-benefício das organizações terroristas e dos seus patrocinadores” (Ganor, 2002, p. 289) que os faça adotar uma tática de guerrilha, o que é preferível do ponto de vista moral.

Para Ganor (2002, p. 294) o “terrorismo é o uso intencional, ou a ameaça de uso, de violência contra civis ou alvos civis, com vista a obtenção de metas políticas”. O autor chega a esta definição com base em 3 elementos importantes: 1) o uso ou ameaça do uso da violência; 2) o objetivo/meta é sempre político – tem de haver sempre e o conceito político abrange metas ideológicas e religiosas; 3) os alvos são sempre deliberadamente civis porque são os mais frágeis e geram níveis de ansiedade e de cobertura mediática, servindo os objetivos de mudança e de propaganda dos terroristas.

Outra definição de terrorismo foi feita por Schmid e Jongman (2005) através duma investigação em que enviou um questionário a vários investigadores teve acesso a 109 definições de terrorismo e destas ele retirou uma definição académica compreensiva baseada em 16 elementos de definição. Para Schmid & Jongman (2005) terrorismo pode ser definido como:

Um método gerador de ansiedade de ação violenta reiterada, empregues por indivíduos, grupos ou atores estatais (semi-) clandestinos por razões idiossincráticas, criminais ou políticas, pelo que – em contraste com o assassinato – os alvos diretos da violência não são os alvos principais. As vítimas humanas imediatas da violência são geralmente escolhidas aleatoriamente (alvos de oportunidade) ou seletivamente (alvos representativos ou simbólicos) de uma população-alvo, e servem como mensageiros. Ameaça – e violência – baseadas em processos comunicacionais entre terroristas (organização), (em perigo) vítimas, e alvos principais (audiências), tornam-se em alvos de terror, de exigências de atenção, dependendo se o que é procurado é intimidação, coerção ou propaganda. (p. 28)

Frequentemente, existem várias definições do conceito dentro de instituições governamentais dentro do mesmo país, como por exemplo, nos Estados Unidos da América (EUA)⁴. A falta de uma definição universal de terrorismo é um dos dez fatores principais que podem encorajar o terrorismo futuro (Schmid, 2004). Já o inverso, segundo Ganor (2002), ou seja, uma clara definição e compreensão do conceito de terrorismo traz inúmeras vantagens à comunidade internacional no combate ao terrorismo, nomeadamente:

- a mobilização e o desenvolvimento de uma estratégia internacional eficaz no seu combate e o aumento da capacidade de combate por parte da comunidade internacional;
- o reforço dos acordos internacionais contra o terrorismo;
- a formulação de leis e de castigos específicos para todos os envolvidos no terrorismo (terroristas propriamente ditos, cúmplices, organizações terroristas, estados que apoiam organizações terroristas e empresas que negoceiem com elas);
- o aumento da dificuldade das organizações terroristas em obter a legitimidade pública e, por conseguinte, o apoio de certos segmentos da população;

⁴ A título de exemplo o Federal Bureau of Investigation (FBI), o Departamento de Estado, o Departamento de Defesa e o Comité Permanente de Inteligência da Casa dos Representantes dos Estados Unidos.

- a alteração de tática de luta por parte das organizações terroristas que poderão optar por uma tática de guerrilha de modo a obter os seus objetivos.

1.1. Terrorismo *lone wolf*

O fenómeno terrorista designado de terrorismo *lone wolf* é atualmente uma das ameaças mais preocupam os políticos, os académicos, as forças e os serviços de segurança e as pessoas (Bakker & de Graaf, 2010; Bates, 2012; Becker, 2014; Clare Ellis et al., 2016; Spaaij & Hamm, 2015b; Spaaij, 2012; Striegher, 2013). O fenómeno de terrorismo *lone wolf* é particularmente intrigante e preocupante devido à sua imprevisibilidade e à sua dificuldade de identificação e deteção nas fases prévias ao ataque terrorista (Bakker & de Graaf, 2010; Striegher, 2013).

Importa desde já discutir a questão de uma definição do fenómeno de terrorismo *lone wolf*. Tal como a definição do conceito de terrorismo, o conceito de terrorismo *lone wolf* é, também, um conceito contestado, em que não existe uma única definição universalmente aceite (Spaaij & Hamm, 2015b). Ainda assim, o esforço de se alcançar uma definição do conceito será um dos passos necessários para delimitar o problema para orientar a escolha de métodos necessários a um combate eficaz contra este tipo de fenómeno terrorista.

A origem histórica do fenómeno *lone wolf* remonta ao séc. XIX, onde os movimentos anarquistas proliferavam e autores como Bakunin (1870) e a sua “propaganda pelo feito” foram inspiração para vários atentados contra figuras proeminentes como, por exemplo, o presidente francês Carnot em 1894, ou o Rei Humberto I de Itália, em 1900. Bakunin (1870) advogava que o anarquista revolucionário deveria agir sozinho ou em grupos pequenos, por iniciativa própria, de modo a não chamar a atenção das autoridades. Desta forma, a ação direta de poucos conseguiria incendiar as massas a revolta espontânea das massas contra a sociedade burguesa e os seus valores.

As ideias de Bakunin (1870) estão na origem daquilo que é designado de resistência sem líder (*leaderless resistance*). A resistência sem líder é um dos pontos-chave daquilo que designamos por terrorismo *lone wolf*. No decurso do séc. XX, o terrorismo recorrendo à resistência sem liderança continuou, ainda que tenha havido uma alteração na localização geográfica e nos ideais políticos e ideológicos subjacentes (Spaaij, 2012). Mais precisamente na segunda metade do séc. XX assistiu-se ao

reaparecimento do terrorismo com base na resistência sem liderança preconizado por indivíduos com ideais de extrema-direita e indivíduos com ideais jihadistas (Bates, 2012).

Ao longo do séc. XX são vários os relatos de indivíduos que atuaram sozinhos no cometimento de atos terroristas, como por exemplo, George Metesky – “o bombista louco de Nova Iorque” - que nas décadas de 40-50 aterrorizou a cidade de Nova Iorque com 33 bombas tubo (Bates, 2012; Spaaij, 2012); ou de 1978-1995 Theodore Kaczynski, conhecido por “Unabomber”, professor universitário que enviou 16 cartas armadilhadas com explosivo para companhias aéreas e universidades, de que resultaram 3 mortos e 16 feridos.

O terrorismo *lone wolf*, na segunda metade do séc. XX, estava associado a movimentos extremistas antigovernamentais e a movimentos de supremacia branca que faziam a apologia à resistência sem líder, em que *lone wolves*, ou seja, indivíduos solitários ou pequenos grupos levavam a cabo violência anti estatal sem qualquer ligação a líderes, grupos ou redes de apoio (Kaplan, 1997).

Segundo Kaplan (1997), este está associado a movimentos de extrema-direita nos Estados Unidos da América (EUA), nomeadamente, a Frente de Libertação Nacional Socialista em que o vice-presidente, Joseph Tommasi apelava aos supremacistas brancos que atuassem resolutamente contra o Estado, de modo a que fosse mais difícil a deteção, a infiltração por parte das autoridades na organização. Outra organização extremista que apela atuação por *lone wolf* é o Ku Klux Klan (KKK), em que o membro Louis Beam exorta ao uso desta tática como reação às forças governamentais que desmantelavam várias milícias de extrema-direita.

O terrorismo *lone wolf* está também associado a organizações de protesto como a *Animal Liberation Front* (ALF) e a *Environmental Liberation Front* (ELF), que apelam à resistência sem líder e à ação direta. Ainda que estes grupos apregoem o seu carácter não violento, suspeita-se que eles estejam envolvidos em alguns ataques e sejam responsáveis por danos materiais avultados, o que lhe coloca sob o radar de forças e serviços de segurança (Europol, 2015; Spaaij, 2012).

Alguma da literatura sobre de terrorismo *lone wolf* diz-nos que o termo foi popularizado na década de 90 pelos supremacistas brancos Tom Metzger e Alex Curtis e, subsequentemente foi utilizado pelos órgãos de comunicação social, pelos académicos e pelos profissionais (Bakker & de Graaf, 2010; Bakker & de Graaf, 2011; Spaaij, 2012; Striegher, 2013). Eles fazem a apologia a que haja uma resistência sem liderança, ou seja que indivíduos isolados ou em pequenos grupos, sem qualquer ligação hierárquica, levem

a cabo ações contra um sistema político corrupto de forma a derrubá-lo e a estabelecer uma nova ordem.

O recurso à resistência sem líder e ao terrorismo *lone wolf* como forma de alterar o *status quo* e de se atingir os objetivos políticos e ideológicos que se perseguem. Esta tática constitui um desafio para as forças e serviços de segurança, uma vez que é difícil identificar, detetar e impedir que um indivíduo isolado leve a cabo um ato terrorista, sem estar dependente hierarquicamente de nenhuma organização terrorista. São as próprias organizações terroristas, das mais variadas ideologias e crenças, que fazem o apelo à resistência sem líder, ao potencial de cada indivíduo se tornar um *lone wolf*.

Agora que já afluímos o contexto histórico do fenómeno *lone wolf* importa tentar definir o conceito e densificá-lo, ou seja, perceber como se distingue de outras formas de terrorismo e do assassinato por ator solitário. Também no sentido da densificação do conceito importa saber qual a sua incidência e evolução, quais as motivações e ideologias subjacentes e quais as influências e como se dá a radicalização, qual o seu *modus operandi* e quais as respostas que podem ser dadas pela comunidade na prevenção e reação a estes fenómenos extremos.

1.1.1. Definição de terrorismo *lone wolf*

O conceito de *lone wolf* é contestado a nível político, académico e por parte das forças e serviços de segurança, não existindo uma única definição do conceito que reúna consenso (Spaaij, 2010). O conceito é muitas vezes usado de forma incorreta ou imprecisa (Burton & Stewart, 2008). A contestação do conceito e a imprecisão do mesmo tornam urgente e necessária uma definição, uma vez que tal permitirá o estudo, a compreensão e o conhecimento do fenómeno, bem como permitirá a comparação dos estudos que existem (Spaaij & Hamm, 2015b). A nível prático, a definição será um auxiliar precioso na identificação, deteção e proteção contra ataques *lone wolf* (Gruenewald, Chermak, & Freilich, 2013a).

Uma das definições de *lone wolf* mais citadas (Spaaij, 2012) é a proposta por Burton e Stewart (2008), que define como uma pessoa que age por conta própria, sem se submeter à hierarquia de uma organização terrorista ou mesmo sem ter qualquer ligação com a mesma. A definição de Burton e Stewart (2008) vai ao encontro da definição de Spaaij (2012) que diz que o *lone wolf* é uma pessoa que opera individualmente, não pertencendo a uma organização e rede terrorista e cujo *modi operandi* é decidido e

dirigido individualmente, sem qualquer direção, comando ou hierarquia exterior. Desde já, as duas definições parecem importantes num aspeto, uma vez que permitem distinguir o *lone wolf* de uma célula ou de um comando terrorista adormecido e infiltrado, uma vez que este age de acordo com a hierarquia e o comando e direção da organização e rede terrorista a que pertence.

Becker (2014) propõe definir o conceito como a violência (ou a tentativa de perpetração de atos violentos), de motivação ideológica, levada a cabo por um indivíduo que planeia e executa um ataque, sem a colaboração de outros indivíduos ou grupos. Esta definição tem em conta que o *lone wolf* não atua num vazio político e social, usualmente ele comunica com outras pessoas e radicaliza-se pela exposição a grupos radicais com queixas políticas, ideológicas e religiosas. É a influência moral, ideológica, a radicalização que torna o ciclo de ataque terrorista (tem de haver uma motivação política, social e ideológica para integrar a categoria de terrorismo). Uma das características que distingue o terrorismo *lone wolf* de outros tipos de terrorismo tem a ver com o planeamento e direção operacional que, este sim é independente da influência de qualquer comando ou hierarquia.

Se por um lado estas definições são consideradas restritivas, existem outras definições que são mais alargadas como por exemplo a de Stern (2004) que admite que ataques terroristas perpetrados por pequenos grupos inspirados por ideologias terroristas, mas que não pertencem a nenhum grupo ou rede terrorista. Na mesma linha do autor anterior os *lone wolves* que levem a cabo atos violentos para atingir fins financeiros e pessoais e por isso, não são política e ideologicamente motivados e que podem ter o auxílio de uma ou duas pessoas – os designados “*lone wolves criminais*” (Simon, 2013, p. 67). Também para Hewitt (2003) só deixa de ser *lone wolf* quando o ato terrorista é praticado por 4 ou mais indivíduos que atuam em conjunto.

O *Counter Lone Actor Terrorism* (CLAT) um projeto cofinanciado pelo Programa de Prevenção e Luta contra a Criminalidade da União Europeia avançou com a seguinte definição de trabalho (Ellis et al., 2016):

A ameaça ou uso da violência por um único autor (ou célula pequena), que não age por razões puramente pessoais ou materiais, com o objetivo de influenciar uma audiência mais ampla, e aquele que age sem qualquer suporte direto no planeamento, preparação e execução do ataque e cuja decisão de agir não é dirigida por qualquer grupo ou outros indivíduos (embora possivelmente seja inspirada por outros). (p. 3).

A presente definição provém da construção e análise de uma base de dados de 120 casos de terrorismo por ator único, em 28 países da União Europeia, Suíça e Noruega, entre 1 de janeiro de 2000 e 31 de dezembro de 2014. A definição do CLAT não pretende resolver o debate em curso sobre os problemas conceptuais e metodológicos apontados por Spaaij e Hamm (2015b), nomeadamente, no que diz respeito ao nível de isolamento dos atores únicos – uma díade ou tríade mesmo que atuando sem a direção de uma organização ou rede terrorista pode ser um ato de terrorismo por ator único? – pode um ator único ser “inspirado pela ideologia de um grupo terrorista” (Ellis et al., 2016, p. 3) e que grau de envolvimento com uma rede terrorista é aceite para qualificar um ato terrorista como sendo praticado por ator único. Segundo os autores, esta definição mais ampla, quando comparada com as definições mais restritivas (Bakker & de Graaf, 2010; Becker, 2014; Spaaij, 2010, 2012) permite a outros investigadores que utilizem a base de dados refinarem a definição de terrorista através da análise de casos. Para que um caso seja aceite na base de dados do CLAT como sendo cometido por ator único, a definição proposta tem de ser dividida em 6 critérios de inclusão que têm de ser obrigatoriamente preenchidos, ainda que se corra o risco de alguns casos de terrorismo por ator único serem escamoteados, mas ganha-se rigor nas definições, uma vez que há um risco menor que a base de dados seja contaminada com casos que não preencham a definição, e com isso ganha-se validade nas análises de casos subsequentes (Ellis et al., 2016). Os 6 critérios de inclusão são:

- 1- O uso da violência, ou a ameaça de uso de violência, tem de ser planeada ou levada a cabo;
- 2- Tem de ser perpetrada por um único ator, uma díade ou uma tríade;
- 3- O(s) atacante(s) actua(m) sem qualquer apoio direto no planeamento, preparação e execução do ataque;
- 4- A decisão de levar a cabo o ataque não pode dirigida por quaisquer grupos ou pessoas;
- 5- A motivação do ataque não pode ser a de um ganho puramente pessoal ou material;
- 6- O alvo do ataque vai para além das vítimas diretas do ataque.

Nos Estados Unidos da América (EUA), o estudo de Alfaro-Gonzalez et al. (2015) sob a égide do *Georgetown National Security Critical Issue Task Force* (NSCITF) surgiu com o intuito de conhecer os aspetos críticos do terrorismo *lone wolf* naquele país e desencadear o diálogo acerca das políticas públicas no combate a este problema. Este estudo verificou que nos EUA não existe um consenso quanto à definição do conceito de *lone wolf*, na comunidade académica e científica, na política e nas diversas forças e serviços de segurança dos EUA. Para os autores, é essencial o Governo dos EUA “adotar uma definição standard de terrorismo *lone wolf*” (Alfaro-Gonzalez et al., 2015, p. 7). O relatório do NSCITF define terrorismo *lone wolf* como (Alfaro-Gonzalez et al., 2015):

A exploração do medo através da violência ou ameaça de violência cometida por um ator único que visa uma alteração política associada a uma determinada ideologia, quer seja própria ou de uma organização maior, e que não recebe ordens, diretivas, ou apoio material de fontes externas. (p.9)

A falta de definição do terrorista *lone wolf* não permite a adoção de políticas eficazes na luta contra este tipo de fenómeno terrorista por parte dos governos e forças de segurança e a nível académico não permite uma comparação entre investigações.

Através de uma análise de vários estudos, desenvolvidos por diversos autores, acerca de terrorismo *lone wolf*, Feldman (2013) propõe uma heurística que possa ser utilizada de modo a ser alcançada uma definição de terrorismo *lone wolf*. Neste sentido, Feldman (2015) considera que os *lone wolves* tendem a atribuir um simbolismo aos seus atos violentos, percecionando-os como uma forma de guerra assimétrica. Este tipo de terrorismo auto dirigido e auto ativado é uma construção pessoal e idiossincrática (Bakker & de Graaf, 2010) no que diz respeito a “motivações, alvos e justificações” (Feldman, 2013, p. 280). Todavia o facto de haver conexões com indivíduos com ideologias e pensamentos semelhantes não desqualifica como sendo terrorismo *lone wolf*, porque mesmo os *lone wolves* não vivem no vácuo social (Becker, 2016; Spaaij & Hamm, 2015b; Striegheer, 2013). Assim o ciclo de ataque terrorista (planeamento operacional, seleção de alvos, implantação e ataque e tentativa de disseminar uma mensagem propagandística e justificativa) é da responsabilidade apenas do *lone wolf*. É ele que decide o como, quando e onde atacar, com que meios, sem qualquer ligação a nenhum grupo ou rede terrorista, ainda que seja inspirado, influenciado. Para Feldman (2013), os atos de violência de um *lone wolf* por serem o produto da determinação e vontade, planeamento frio, calculista e racional, devem distinguir-se dos ataques por doentes mentais ou por “matanças emocionais” levadas a cabo por assassinos em massa emocionais (loucos?), posição

semelhante à defendida por Burton e Stewart (2008). Atendendo ao acima explanado, Feldman (2013) define terrorismo por *lone wolf* como violência política ou religiosa dirigida pelo próprio indivíduo, que percebe o seu ato como de guerrilha propagandística e assimétrica, que segue o ciclo de ataque terrorista, sendo que o *lone wolf* é influenciado pelo contexto e pelas circunstâncias externas, em vez de obedecer a um comando e controlo externos.

Após esta viagem pelas várias definições do termo *lone wolf* verificamos que existe uma grande falta de consenso do termo no meio académico, político e nas forças de segurança. É necessária uma definição unificadora do conceito que permita que os governos possam desenvolver políticas de combate ao fenómeno e que as forças e serviços de segurança desenvolvam estratégias e táticas eficazes no combate a este fenómeno. Da análise do acima exposto verificámos que existem pontos em comum na definição, nomeadamente no que diz respeito ao facto de ser um ato (ou a tentativa) de violência política ou religiosa, levada a cabo por um único indivíduo, que cumpre o ciclo de ataque terrorista que é planeado, dirigido e concretizado por si, sem qualquer direção, comando e controlo por parte de qualquer rede ou organização terrorista, embora possa ser inspirado pelas ideologias perfilhadas por estas e o alvo do ato terrorista vai para além das pessoas diretamente visadas.

Assim importa numa segunda fase do nosso trabalho perceber quais são as principais características dos *lone wolves* e dos ataques por si cometidos.

Iremos incidir em investigações e estudos levados a cabo na Europa e nos Estados Unidos da América, embora o terrorismo por ator único ser praticado noutras regiões do globo onde o terrorismo também grassa.

1.1.2. Perfil do terrorista lone wolf e as suas características individuais

Na literatura científica há um consenso de que não existe um único perfil no que diz respeito ao terrorista *lone wolf* (Alfaro-Gonzalez et al., 2015; Bakker & de Graaf, 2010; Bakker & de Graaf, 2011; Ellis et al., 2016; Gill, Horgan, & Deckert, 2014; Pantucci, Ellis, & Chaplais, 2015; Spaaij, 2010, 2012). Verifica-se que os terroristas *lone wolf* provêm de todas as faixas da sociedade e abrangem todo o espectro de extremismo ideológico e religioso. Podem ser “zelotas religiosos, extremistas dos direitos do ambiente e dos animais, supremacistas brancos e *jihadistas* (Bakker & de Graaf, 2010, p. 2). Por seu lado, Pantucci et al. (2015) identificaram como ideologias predominantes o

extremismo de direita defendido por Ulius Amoss; Metzger e Curtis; e Louis Beam e a sua resistência sem liderança; o *jiihadismo* pessoal inspirado por Abu Musab Al-Suri da *Al-Qaeda* na Península Arábica (AQAP) sob a tutela de Anwar Al-Awlaki; e as ideologias idiossincráticas e auto desenvolvidas.

Para Gill et al. (2014) as principais ideologias e motivações dos terroristas *lone wolf* são as de “extrema-direita, *single issue* (direitos dos animais, anti-aborto e ambientalismo) e ideologias relacionadas com a al-Qaeda” (p. 431).

Para Stern (2004, in Spaaij, 2010, p. 863) “os terroristas *lone wolf* muitas vezes desenvolvem ideologias idiossincráticas que combinam vinganças pessoais com queixas/ressentimentos políticos e religiosos. Alfaro-Gonzalez et al. (2015) defendem que estas queixas quando associadas a percepções distorcidas de justiça aumentam a suscetibilidade de alguém aderir a ideologias extremas e radicalizar-se.

Posto isto, acredita-se que os terroristas *lone wolf* tendem a criar as suas próprias ideologias que combinam queixas políticas, religiosas e sociais com as suas frustrações. Estas são as razões pelas quais não se pode traçar o perfil de um *lone wolf* com base em ideologias e motivações estanques (Spaaij, 2012).

Mesmo sem um perfil é possível reunir características específicas e comuns que podem fornecer algumas informações importantes relativamente ao terrorista *lone wolf*.

Relativamente à idade, a amostra de casos do estudo empírico de Gill et al. (2014) revelou que a idade média dos terroristas *lone wolf* era de trinta e três anos de idade, e que esta era substancialmente mais elevada do que a idade média de terroristas que pertenciam a organizações terroristas, como por exemplo, os vinte e seis anos de idade média dos terroristas da *Al-Qaeda*, ou os vinte e dois anos de idade média dos terroristas do *Irish Republican Army Provisional* (IRA). No mesmo sentido apontam as conclusões de Gruenewald et al. (2013): ainda que apenas tenham investigado homicídios perpetrados pela extrema-direita nos EUA, os indivíduos que atacavam sozinhos e sem qualquer suporte de uma rede ou organização, encontravam-se na faixa etária dos trinta e muitos anos de idade. Quanto à idade, o relatório final do CLAT verificou que esta encontra-se de certa forma relacionada com a ideologia subjacente ao terrorista. No caso do terrorismo de inspiração religiosa, a maioria apresenta idades menores ou iguais a vinte e cinco anos, contrastando com o terrorismo de ideologia de extrema-direita, em que a maioria dos terroristas tinha idades acima dos quarenta anos (Ellis et al., 2016).

No que diz respeito ao género, grande parte da literatura indica que o terrorista *lone wolf* é, na esmagadora maioria, quer seja nos EUA ou na Europa, do género

masculino (Alfaro-Gonzalez et al., 2015; Gill et al., 2014; Gruenewald et al., 2013a; Gruenewald, Chermak, & Freilich, 2013b), independentemente da ideologia que lhe está subjacente. embora se note que, de forma expectável, no terrorismo de extrema-direita nos EUA, sejam maioritariamente homens brancos. Porém, segundo Alfaro-Gonzalez et al. (2015) esta tendência se possa alterar um pouco com o aumento de ideologias associadas ao islamismo radical, como as perfilhadas pela *Al-Qaeda* e pelo Estado Islâmico do Iraque e do Levante (EIIL). Podemos estar na presença de um duplo padrão, em que as mulheres para praticarem atos violentos precisam de se relacionar com mais pessoas, de agir em grupo, ou seja, que a relação seja um pré-requisito fundamental para o envolvimento em atos terroristas, daí que elas não sejam vistas como *lone wolves* (González, Freilich, & Chermak, 2014).

No que concerne ao contexto socioeconómico e cultural dos terroristas *lone wolf* existe uma crença generalizada de que estes provêm de meios sociais e económicos carenciados. Não existe um suporte científico para esta crença, ou seja, meios socioeconómicos desfavorecidos e a educação não são condições suficientes e necessárias para um indivíduo aderir ao terrorismo (Kruglanski & Fishman, 2009).

Para Spaaij (2012), que utilizou centenas de casos nos seus estudos, os *lone wolves* tendem a ser indivíduos provenientes de meios sociais vantajosos, o que permite que tenham um nível educacional relativamente bom, o que dá uma indicação de valor, no sentido em que, para se ser terrorista não se tem de ser carenciado.

Gill et al. (2014) estudaram 119 casos de terrorismo *lone wolf* na Europa e nos EUA, concluindo que 25% dos *lone wolves* tinham completado o ensino secundário. Os autores do estudo ainda verificaram que 54% frequentaram a universidade e 8% concluíram um doutoramento. Porém, nesse mesmo estudo, verificou-se que 40% dos *lone wolves* se encontravam desempregados aquando do cometimento do ato violento. Tal facto poderá indicar que uma educação relativamente elevada pode não ser sinónimo de emprego, o que pode levar a que haja um certo sentimento de injustiça responsável por ressentimento e queixas contra a sociedade e comunidade em que se está inserido. Este sentimento de privação relativa poderá ser um terreno fértil para que uma ideologia extremista seja abraçada pelo indivíduo.

Outra das características pessoais dos *lone wolves* diz respeito à sua saúde mental. Especula-se que os terroristas *lone wolf* apresentem maior número de perturbações mentais mais elevada do que a população em geral e do que os terroristas que pertencem a grupos e redes terroristas (Pantucci et al., 2015). Neste sentido, vários estudos (Ellis et

al., 2016; Gill et al., 2014; Gruenewald et al., 2013a; Kruglanski & Fishman, 2009; Pantucci et al., 2015; Spaaij, 2012) reportam que os *lone wolves*, quando comparados com os terroristas afiliados em organizações, tendem a ter uma maior propensão para terem problemas psicológicos (Spaaij, 2012) e no mesmo sentido aponta o trabalho de Gruenewald et al. (2013a) que verificou que cerca de 40% dos *lone wolves* da sua amostra padeciam de doença mental. Nos terroristas pertencentes a grupos tal se verificou em 7,6% dos casos.

O Projeto CLAT (Ellis et al., 2016) apurou que 35% dos *lone wolves* padeciam de alguma forma de psicopatologia, salvaguardando que tal estatística não se pode considerar um diagnóstico oficial, uma vez que a presença de psicopatologia foi averiguada através de, por exemplo, fontes próximas do atacante ou de notícias que revelavam indícios de doença mental. Este valor não é significativamente diferente da percentagem de população geral que apresenta doença mental – 27% segundo dados da Organização Mundial de Saúde (OMS). Tendo em conta que na população geral o número de comportamentos violentos com origem na doença mental são raros, não se deverá abordar o problema dos *lone wolves* de uma perspetiva de saúde mental. Ainda no que diz respeito à saúde mental dos *lone wolves* é importante referir que, ao verificar-se se existe relação entre perturbações psicológicas e a ideologia subjacente ao terrorista, verificou-se que as nas ideologias inspiradas por motivos religiosos havia indícios que 24% poderiam padecer de alguma psicopatologia e nas outras ideologias (extrema-direita e *single issue*) os valores também se encontravam abaixo dos 35% referidos anteriormente.

Como foi dito anteriormente, as diferenças de resultados têm de ser vistas com algumas cautelas. Primeiro, poderão indicar que indivíduos com ideologias mais vagas, dispersas ou que combinem diferentes ideologias têm maior probabilidade de serem motivados por frustrações pessoais do que pela ideologia. Segundo, os diferentes resultados também poderão indicar que existem diferentes culturas de doença mental, ao invés de indicarem que existem realmente diferenças de prevalência de doença mental nas diferentes ideologias. Estas explicações revestem-se de importância para os decisores políticos. As políticas públicas de saúde mental devem garantir mais e melhor acesso a este tipo de modo a quebrar o tabu que muitas vezes paira sobre as doenças do foro psicológico. Os serviços de saúde mental devem ser inclusivos e sensíveis às questões culturais e religiosas.

Por último, no que concerne à saúde mental importa ter em conta que o facto dos terroristas *lone wolf* padecerem de uma psicopatologia não significa que possuam uma racionalidade ou capacidades limitadas para levarem a cabo um atentado terrorista (Pantucci et al., 2015). As perturbações mentais e psicopatologias dos *lone wolves*, devem ser vistas como uma espécie de caixa de ressonância onde as ideologias extremistas e radicais ganham relevo e importância (Alfaro-Gonzalez et al., 2015).

1.1.3. Prevalência e *modus operandi*

Relativamente à prevalência dos ataques *lone wolf* ou ator único, o relatório COT/TTSR, no qual se baseia a investigação de Spaaij (2010) aponta para um aumento de ataques/incidentes deste tipo nas últimas três décadas.

Apesar desta tendência de aumento do número de ataques *lone wolf*, o fenómeno ainda é estatisticamente negligenciável, representando segundo o COT/TTSRL de 2007, 1,28% do total de ataques terroristas nos EUA, Alemanha, França, Espanha, Itália, Canadá e Austrália, o que faz deste tipo de ataques um incidente do tipo “cisne negro”, ou seja, de categorização, sistematização e previsão quase impossíveis (Taleb, 2005, 2007). Segundo Spaaij (2012) os ataques terroristas *lone wolf* representa apenas 1,8% de todos os ataques terroristas que ocorreram nos 15 países do seu estudo, entre 1968 e 2010 – dos 11235 incidentes terroristas, apenas 198 são incidentes com *lone wolf*, segundo a *Global Terrorism Database* (GTD). Estes números têm de ser vistos com alguma cautela, em virtude de alguns casos da GTD não serem incluídos no estudo por falta e/ou desconhecimento da existência de motivação política ou, pela inexistência de casos da GTD por não terem sido divulgados pelos meios de comunicação ou pelas autoridades. Embora se encontre uma tendência de aumento do número de ataques *lone wolf*, a taxa de vítimas tem-se mantido constante. Spaaij (2012) verificou no seu estudo que, em média, os *lone wolf* matam 0,62 pessoas por incidente, o que é manifestamente inferior ao número total de vítimas mortais de todos os outros ataques terroristas, em média 1,6 mortos por ataque. Spaaij (2012) conclui que: 1) não existem evidências que a letalidade dos ataques *lone wolf* estejam a aumentar; 2) que o terrorismo *lone wolf*, em média, é significativamente menos letal que o terrorismo levado a cabo por organizações e redes terroristas. A segunda conclusão poderá ter como fatores explicativos o facto de os *lone wolves* não terem uma rede alargada de suporte, como uma organização terrorista, não

controlam o territórios e muitas vezes existe uma desconexão entre a intenção e a capacidade de levar a cabo um ato terrorista letal (Spaaij, 2012), o que faz dos *lone wolves* “oportunistas fracos” (Becker, 2014, p. 971).

De acordo com a investigação de Spaaij (2012) nos EUA o número de ataques por *lone wolf* nos EUA é significativamente superior do que nos outros países da sua amostra, o que indica que é um fenómeno predominante nos EUA mas, ainda assim, não exclusivo daquele país (Hewitt, 2003). Tal é explicado pela popularidade do recurso à chamada “resistência sem liderança” (Beam, 1992; Joosse, 2017; Kaplan, 1997; Kaplan et al., 2014), muito popular entre os terroristas de extrema-direita e anti-aborto como forma de fazer face ao sucesso das forças e serviços de segurança americanos no que diz respeito a ações contraterroristas com vista à disrupção de organizações e redes terroristas. A “resistência sem liderança” tem também sido adotada por outros movimentos extremistas, nomeadamente o *jiihadismo*, que a percebem como tendo vantagens táticas quando comparadas com o terrorismo perpetrado por grupos/organizações terroristas (Spaaij, 2012).

A avaliação da evolução dos ataques por *lone wolf* ao longo de quatro décadas (1968-2010) mostra que houve uma evolução no sentido de aumento do número de casos nos EUA e que este aumento se mostrou mais rápido e mais acentuado nos outros países do estudo (Spaaij, 2012). Segundo o estudo de Spaaij (2012), de 1970 a 2000 o número de incidentes com *lone wolf* aumentou 45% nos EUA, porém nos outros países, o aumento situou-se na ordem dos 412% nos outros países e pela primeira vez, no ano 2000, o número de ataques fora nesses países foi superior aos dos EUA, nomeadamente, na Europa onde o número de incidentes quadruplicou entre 1970 e 2000.

De acordo com o relatório do CLAT (Ellis et al., 2016), que analisou uma amostra de 30 países no período de tempo compreendido entre 1 de janeiro de 2000 e 31 de dezembro de 2014, o terrorismo por ator único (designação escolhida pelo CLAT) na Europa é um fenómeno raro, mas onde se nota um incremento geral do número de casos nesses últimos quinze anos. No que diz respeito às vítimas e ao grau de letalidade dos ataques por ator único, o estudo revelou que o terrorismo por ator solitário foi responsável pela morte de 195 pessoas e por ferimentos em 282 pessoas. Mais especificamente, 33,3% dos ataques foram letais e, em média, por cada ataque 1,99 pessoas morreram e 4,58 pessoas sofreram ferimentos (Palombi & Gomis, 2016). Todavia estes dados encontram-se enviesados pelos ataques de Anders Breivik, na Noruega, em Julho de 2011, que num duplo ataque, num só dia foi responsável pela morte de 77 pessoas e pelo ferimento de

242 pessoas (Ellis et al., 2016; Pantucci, 2011b). Se o ataque de Breivik, que representa um *outlyer*, for excluído da amostra, o número de mortes baixa para 1,22 pessoas e o de feridos para 2,13 (Ellis et al., 2016). Ainda assim, importa realçar que 76% dos ataques por ator único não provocaram nenhuma vítima mortal e que 58% não causaram feridos, o que leva a concluir que ainda que possam ser devastadores, os ataques por ator único são muitas vezes um fracasso no que diz respeito ao número de mortos e feridos. Todavia, o sucesso de um ataque por ator único não pode ser apenas medido pelo número de mortos e feridos. Para o ator solitário o que importa é causar impacto numa audiência mais ampla dos que as vítimas diretas, causando um medo generalizado na população e influenciando o poder político nas suas ações e políticas. Na atual era da informação (Castells, 2010), onde num mundo globalizado, qualquer ação tem um impacto mediático, o lema de um terrorista do tipo *lone wolf* será algo como “mata um, aterroriza dez milhões”.

No que concerne ao *modus operandi* dos *lone wolves* ou atores solitários existe a percepção generalizada que este tipo de terroristas prefere a utilização de armas de fogo e geralmente visa alvos civis (Becker, 2014, 2016; Ellis et al., 2016; Spaaij, 2010, 2012).

No seu livro, Spaaij (2012) verificou que os terroristas *lone wolf* preferem alvos civis (58%), o que também está de acordo com os alvos das organizações e redes terroristas uma vez que para ser considerado terrorismo o alvo da violência política tem de ser civil ou não combatente (Ganor, 2002, 2015; Schmid & Jongman, 2005; Weinberg et al., 2004). As outras categorias mais visadas, de acordo com o estudo de Spaaij (2012) seriam os representantes e figuras oficiais ligados ao governo e políticos (13%) e profissionais de saúde (10%). Este último número é explicado na medida em que os profissionais de saúde que trabalham em clínicas onde se realiza a interrupção voluntária da gravidez (IVG) serem alvos preferenciais de *lone wolves* com ideologias anti-aborto. Nos EUA a resistência em liderança é popular neste tipo de *lone wolves*.

O Projeto CLAT também verifica que os *lone wolf* também preferem, maioritariamente, direcionar os seus ataques para alvos civis. Os *lone wolves* atacam alvos civis de diversas etnias (caucasianos, judeus, ciganos), bem como migrantes e refugiados políticos que buscam asilo. Não foi possível estabelecer uma relação/ligação entre a escolha dos alvos e as ideologias e motivações subjacentes. Também ficou por estabelecer relação com a incapacidade dos *lone wolves* atacarem alvos governamentais e militares mais sofisticados ou a sua predileção por os designados *soft target*, cujas vulnerabilidades aumentam a possibilidade de um ataque bem sucedido por parte dos *lone wolves*.

Becker (2014) realizou um estudo acerca dos padrões dos ataques por *lone wolves* nos EUA, baseado na análise de 84 ataques entre 1940 e 2012. Becker (2014) verificou que a maioria dos *lone wolves* escolhem alvos civis, não governamentais e que tal se deve à ação de dois fatores que se combinam entre si: as ideologias subjacentes determinam em grande parte a escolha de alvos civis e; a sua fraqueza operacional relativa que lhes restringe as escolhas de alvos e táticas. A ideologia dá sentido e ordem ao ataque uma vez que os alvos a atingir têm de ser percecionados como politicamente relevantes e simbolizam o inimigo que a tática terrorista e a ideologia selecionaram como tal. Concomitantemente, os *lone wolves*, tal como as organizações terroristas aspiram a ter sucesso operacional, ou seja, que os seus ataques façam muitas vítimas, causem grande impacto e levem a um medo generalizado de modo a forçar as populações e governos a cederem às suas exigências. Todavia os *lone wolves*, ao contrário das organizações terroristas, carecem de recursos financeiros, materiais, pessoais e operacionais/táticos o que lhes restringe a seleção de possíveis alvos de modo a maximizar o seu sucesso operacional. Com estes dois fatores combinados, os *lone wolves* tendem a desconsiderar alvos governamentais simbólicos e optam por alvos familiares e desprotegidos. Os terroristas, tal como as outras categorias de criminosos, atacam de acordo com suas rotinas diárias, nomeadamente locais que frequentam, rotas de e para o trabalho, e por isso não é a proximidade do local onde vive um bom preditor de onde irá acontecer um ataque, mas sim a intersecção entre as atividades rotineiras do terrorista combinadas com a sua ideologia (Becker, 2014; Brantingham & Brantingham, 1993).

Spaaij e Hamm (2015a) alertam, ainda, para o facto de os eventos desportivos, frequentados por milhares de pessoas, serem alvos apetecíveis para os *lone wolves* e dão alguns exemplos de ataques por *lone wolves* que ocorreram em eventos desportivos. Além disso Spaaij e Hamm (2015a) verificam que este tipo de locais e eventos têm sido publicitados, por exemplo, pela AQAP que instiga os seus seguidores a atacarem locais frequentados por multidões, como “as arenas desportivas, eventos sociais anuais, grandes exposições internacionais, mercados e edifícios com grande densidade de pessoas” (Al-Suri, 2012, p. 24). A escolha de alvos com grande densidade de pessoas reflete que o sucesso operacional dos *lone wolves* busca ter um impacto mediático de grande envergadura e gerar o terror e pânico generalizados.

Por outro lado, Alfaro-Gonzalez et al. (2015), contrariamente ao acima exposto verificaram que, ainda que nos EUA os *lone wolves* utilizem as armas de fogo como preferência para levarem a cabo os seus ataques (talvez porque naquele país o acesso a

armas de fogo está generalizado e facilitado), os seus alvos preferenciais têm sido pessoal militar e das forças de segurança. Estes autores, no seu relatório chamam a atenção para a possibilidade de serem levados a cabo ciberataques, salvaguardando que esta possibilidade ainda carece de mais investigação.

No que diz respeito às táticas e armas utilizadas pelos terroristas *lone wolf*, sabe-se que estes têm uma grande liberdade de escolha de armas e táticas a utilizar, pensando de forma original e alternativa no modo como perpetrar o ato terrorista. Como não têm um comando que direciona a sua ação, poder-se-á dizer que os ataques terroristas por *lone wolf* têm como limite a própria imaginação do autor (Burton & Stewart, 2008; Pantucci et al., 2015; Simon, 2013; Spaaij, 2010, 2012). Os *lone wolves* possuem muitas idiossincrasias e os tipos de ataque e seleção de alvos bem como das armas tem a ver com o seu nível de aversão ao risco e com os seus recursos e capacidades (reais e percebidos) (Bates, 2012; Phillips, 2011).

Segundo a investigação de Spaaij (2010, 2012), os terroristas *lone wolf* utilizam mais frequentemente armas de fogo e engenhos explosivos para perpetrarem os seus ataques. Spaaij (2010, 2012) verificou que as armas de fogo eram usadas 43% das vezes, o recurso a engenhos explosivos era utilizado 28% das vezes, o rapto/tomada de reféns (16%) e fogo posto (6%).

Os estudos de Spaaij (2010, 2012) permitem verificar que existem diferenças quanto ao tipo de armas utilizadas por terroristas *lone wolf* quando comparados com as armas utilizadas pelos ataques levados a cabo por organizações e redes terroristas. Os terroristas *lone wolf* usam armas de fogo, enquanto a maior parte dos atos terroristas levados a cabo por organizações e redes terroristas utilizam, preferencialmente, engenhos explosivos e incendiários (cerca de 65%-75%). A razão para isto pode ser explicada pela relativa dificuldade que um indivíduo sem qualquer formação ou experiência na produção, manuseamento e utilização de explosivos e por isso há uma discrepância entre a intenção e as capacidades do terrorista que vai restringir o leque de armas a escolher (Becker, 2014). Ainda assim, não se pode descurar que com o advento da Internet, das redes sociais e da *darknet* e com a disseminação digital de manuais, manifestos, guias e revistas como a Inspire e a Dabiq, que ensinam com cada vez mais precisão técnicas e táticas, bem como a manufatura de explosivos utilizando materiais de uso doméstico, hipoteticamente, será expectável num futuro próximo um acréscimo de utilização de engenhos explosivos pelos terroristas *lone wolf*.

Quanto às táticas e tipo de armas utilizadas pelos *lone wolves*, o Projeto CLAT, verificou que existe uma forte correlação entre o número de *lone wolves* que utilizam armas de fogo e o número de vítimas mortais (Palombi & Gomis, 2016). Segundo Palombi e Gomis (2016), 90% das mortes da amostra do seu estudo foram provocadas por *lone wolves* que faziam uso de armas de fogo, embora representasse apenas de um terço (33%) da amostra. Ainda assim, apresentavam uma letalidade de 6,65 mortes por ataque. O Projeto CLAT também verificou que os ataques com explosivos representam 31,6% dos casos da amostra, todavia tal se traduz numa letalidade na ordem dos 4%, que pode ser explicado mais uma vez pela falta de conhecimento técnico necessário para a manufatura de engenhos explosivos por parte de um ator solitário, sem o apoio de uma organização/rede terrorista.

O estudo do Projeto CLAT salienta outro fator que, ainda que necessite de mais estudo, poderá ser um fator interessante na análise de risco associado a um potencial ator solitário: a experiência militar prévia do ator solitário. Embora não exista uma correlação entre a experiência militar prévia e a propensão para a prática do terrorismo. Ainda assim, Ellis et al. (2016), através da análise dos dados da amostra do estudo verificaram que os atores solitários com experiência militar prévia, em média, causam mais mortes do que os que não a possuem. O Projeto CLAT verificou que a letalidade dos indivíduos com experiência militar prévia situava-se na ordem das 2,29 mortes por indivíduo e que nos atores solitários sem experiência prévia situava-se na ordem dos 1,47 mortes por indivíduo. Os autores ressaltam que o segundo número baixa para 0,68 mortes por indivíduo, se se excluir as mortes provocadas por Breivik, ator único como maior número de mortes na amostra estudada e que não possuíam experiência militar prévia, o que sugere que um ator solitário sem experiência militar prévia não será, necessariamente, um ator menos letal.

O Projeto CLAT ainda verificou que, dos casos da amostra, foi mais difícil prevenir ataques por ator único com experiência militar prévia (18% foram prevenidos), valor significativamente mais baixo quando comparado com atores solitários sem experiência militar prévia em que 36% dos casos foram prevenidos (Ellis et al., 2016), o que poderá sugerir que os primeiros, aquando da fase preparatória (planeamento, reconhecimento) são mais eficazes a evitar a deteção e detenção por parte das forças e serviços de segurança. Segundo Ellis et al. (2016), deverão existir mais estudos acerca da experiência militar prévia dos atores solitários.

Em jeito de resumo do que foi acima explanado é possível verificar que não existe um perfil típico que permita identificar um terrorista *lone wolf*, tendo em conta as suas motivações ideológicas, políticas e religiosas que são diversas neste tipo de atacante. Relativamente a prevalência e a *modus operandi* (selecção de alvos e armas utilizadas), verifica-se que tendem a utilizar armas de fogo e a atingir civis indiscriminadamente. Procuram seleccionar alvos de acordo com a sua ideologia, mas que lhes permita sucesso operacional. Adequam a escolha das armas e dos alvos à sua fragilidade operacional. No que diz respeito à letalidade dos *lone wolves* esta ainda é considerada baixa, segundo os dados dos estudos enunciados, mas num mundo globalizado, qualquer notícia de um ataque ou da ameaça/iminência de um ataque serve um dos objetivos gerais do terrorismo que é o de gerar medo e receio generalizado na população e condicionar a liberdade e a ação política.

Tem-se verificado nos últimos tempos uma tendência de aumento deste tipo de ataques e tal pensa-se estar associado ao facto ao sucesso da luta contraterrorista contra as redes e organizações terroristas. Por isso, assiste-se ao ressurgimento doutrina da “resistência sem líder” como forma de contornar os esforços contraterroristas contra grupos terroristas, aumentando a dificuldade de previsão, deteção e detenção dos atores solitários até quase ao momento da prática do ato terrorista. Os dados e estudos por nós analisados sugerem que existe uma tendência para os terroristas *lone wolf* escolherem alvos civis e utilizarem para o efeito armas de fogo.

Após este breve resumo, no próximo capítulo do nosso trabalho iremos explorar alguns aspetos relacionados com o terrorismo *lone wolf* que poderão constituir *early signs* e, por conseguinte, boas oportunidades de combate ao fenómeno no que diz respeito à prevenção e deteção aumentando assim a segurança das comunidades que são alvo deste fenómeno. Iremos debruçar sobre o processo de radicalização dos terroristas *lone wolf*, o seu isolamento social, e o advento da Internet e dos *social media* e quais os papéis que os diversos autores deverão ter no combate a este tipo de fenómeno.

CAPÍTULO II – A PREVENÇÃO E REAÇÃO A ATAQUES *LONE WOLF*

Existe sempre dificuldade na deteção, prevenção e previsão de um ataque terrorista, quer seja por *lone wolf*, quer seja por rede terrorista. Ainda assim, existem certos *early signs* que poderão ser explorados pelas forças e serviços de segurança, pelos responsáveis e pelas próprias pessoas de modo a, na melhor das hipóteses, prevenir a ocorrência ou então mitigar os efeitos nefastos de um ataque terrorista. Para tal, estes *early signs* ou *red flags* têm de ser conhecidos por parte dos diversos atores acima referenciados de modo a aumentar a *public awareness* de modo a que sejam desenvolvidos comportamentos e práticas que ajudem a lidar melhor com o “cisne negro” que é um ataque terrorista por *lone wolf*.

1. O processo de radicalização

Um dos aspetos comuns entre todos os terroristas, quer pertençam a uma rede terrorista, quer atuem sem o controlo e direção dessa mesma rede terrorista é o processo de radicalização porque têm de passar.

Não existe um conhecimento profundo do processo de radicalização e dos mecanismos que estão subjacentes, especificamente na radicalização do terrorista *lone wolf*. O processo de radicalização do terrorista *lone wolf* carece de mais investigação científica (Spaaij, 2010, 2012), que permitam dar respostas a perguntas como: 1) como e sob quais condições certos indivíduos alteram as suas atitudes e comportamentos de tal forma a levarem a cabo atos de terrorismo; 2) o processo de radicalização individual difere do processo de radicalização coletiva.

O conhecimento de como se dá a radicalização de *lone wolves* será de grande importância para o desenvolvimento de medidas de prevenção e mitigação de ataques terroristas desta natureza. Para Shone (2010), o que importa é conhecer como é que os ataques são formulados e não quem os leva a cabo.

Como já foi visto anteriormente, não existe nenhum perfil de um terrorista *lone wolf*, todavia é possível fazer um perfil das características dos *lone wolves*, ou seja, a via do estudo da radicalização, permite ter em conta as determinantes psicológicas e ambientais que permitem fazer o tal perfil de características dos *lone wolve* (Bartlett & Miller, 2012; Danzell & Maisonet Montañez, 2016; McCauley & Moskalenko, 2014). Esta é uma via de perceber o fenómeno *lone wolf* diferente das vias que advogam uma

perspetiva baseada na definição (Bates, 2012; Spaaij & Hamm, 2015b) que se baseiam em traços de personalidade e comportamentos e da perspetiva psicológica, que se baseiam na tentativa débil de estabelecer uma relação entre doença mental e o terrorismo *lone wolf* (Gill et al., 2014; Gruenewald et al., 2013a; Kruglanski & Fishman, 2009). Segundo Danzell e Maisonet Montañez (2016), nenhuma das três perspetivas por si só consegue explicar o fenómeno do terrorismo *lone wolf*, mas sim complementam-se. Ainda assim, a via da radicalização é a menos desenvolvida e a que apresenta possibilidades mais promissoras (Danzell & Maisonet Montañez, 2016).

1.1. A radicalização

A radicalização, de um modo geral, pode ser descrita como “um processo complexo, dinâmico, multidimensional e faseado” (Spaaij, 2012, p. 47).

A radicalização pode ser definida como “um processo pessoal (e às vezes interpessoal) em que os indivíduos adotam ideais e aspirações políticos, sociais e religiosos extremos e para a obtenção desses objetivos justificam o uso indiscriminado de violência” (Wilner & Dubouloz, 2011, p. 418). Para Wilner e Dubouloz (2011) a radicalização é um processo tanto cognitivo como emocional que prepara e motiva o indivíduo para se envolver em comportamentos violentos e para tal utilizam a teoria da aprendizagem transformadora (Mezirow, 1991, 1997). Para esta teoria a aprendizagem é um “processo em que se utiliza uma interpretação anterior de modo a construir uma interpretação nova ou revista do significado da experiência pessoal de modo a guiar as ações futuras” (Mezirow, 1991, p. 12). A teoria de Mezirow (1991) assenta em 5 conceitos-chave que explicam a forma como se dá as novas aprendizagens: 1) esquemas significativos – crenças valores e sentimentos que formam um quadro de referência que atribui significados pessoais às experiências e perceções; 2) perspetivas significativas – suposições (que advém das ideologias pessoais e estilos de aprendizagem) que se encontram estruturadas formando um código (paradigmas e estruturas pessoais) que guia as atividades de perceção, compreensão e de lembrança/recordação, filtrando-os e modelando as novas experiências de aprendizagem; 3) distorções ou suposições distorcidas – uma perspetiva significativa que não se enquadra na realidade individual; 4) reflexão crítica – a capacidade individual de refletir acerca das distorções que tem início com um dilema provocado por uma crise pessoal (perda, conflito, doença); 5) processo de transformação – uma alteração pessoal que pode ser abrupta ou gradual.

De uma forma geral, segundo a teoria da aprendizagem transformadora de Mezirow (1991), o ciclo da aprendizagem pode ser visto como tendo início com uma crise. Esta é a que o indivíduo tenta interpretar a distorção utilizando as perspetivas significativas que fazem parte do seu portfólio. Todavia a crise pode ser de tal forma grave que estas maneiras habituais já não são suficientes para lidar com o evento crítico - a distorção. Então, o indivíduo procura, explora e avalia novas experiências e situações através da reflexão crítica. Esta poderá levar a novos conhecimentos e capacidades que levam a uma transformação das perspetivas significativas, que poderão levar a que o indivíduo estabeleça novas relações, papéis e comportamentos.

Com base na teoria da aprendizagem transformadora foram identificados 3 fases transformadoras distintas: a fase gatilho/desencadeadora, a fase do processo da mudança e a fase do resultado (Dubouloz et al., 2010). Estas 3 fases sumarizam a teoria de Mezirow (1991).

A teoria da aprendizagem transformadora bem como as fases transformadoras distintas podem ser utilizadas para explicar o processo de radicalização individual dos terroristas caseiros de índole *jihadista* nos EUA (Wilner & Dubouloz, 2011), bem como qualquer processo de radicalização individual (Bartlett & Miller, 2012; Danzell & Maisonet Montañez, 2016). A radicalização pode estar associada a contextos sociopolíticos, eventos específicos e tem em conta as características pessoais. No entanto, a radicalização individual, à luz da teoria da aprendizagem transformacional, ocorre na fase de mudança em que se dá uma “combinação de reflexão, aquisição de conhecimento e reavaliação da identidade” (Wilner & Dubouloz, 2011, p. 422).

O comportamento violento exibido pelos terroristas constitui um exemplo da fase do resultado e é o reflexo de uma consolidação e *empowerment* das novas perspetivas significativas, identidade e sistemas de crenças do indivíduo. Fatores sociopolíticos externos como a alienação ou a rejeição da política externa poderão funcionar como precursores do processo de radicalização na medida em que facilitam o processo de aprendizagem transformadora, ou seja, podem funcionar como ativadores do processo de radicalização. Eventos críticos e dilemas na vida de um indivíduo levam a uma reavaliação e reflexão crítica acerca da própria vida, a posição social que ocupa, ambições e relações que estruturam as perspetivas significativas. Assim sendo os precursores não são responsáveis pelo indivíduo praticar atos violentos, mas influenciam o contexto de vida individual de modo a que o indivíduo esteja suscetível a novas experiências, perspetivas e crenças (Wilner & Dubouloz, 2011).

Para McCauley e Moskalenko (2014, p. 70), a radicalização política pode ser descrita como “alterações nas crenças, sentimentos e ações com intenção de apoiar um dos lados de um conflito político”. Estes autores, nos seus estudos acerca da radicalização inspirada pela *Al-Qaeda*, distinguem entre a radicalização de opinião (crenças e sentimentos) e a radicalização de ação (comportamentos/ações), para o qual conceberam um modelo de duas pirâmides para cada um dos casos.

A partir da narrativa *jihadista* global, McCauley e Moskalenko (2014) estabelecem 4 níveis na pirâmide de radicalização de opinião: 1) O Ocidente, liderado pelos EUA está a levar a cabo uma Cruzada contra o Islão; 2) os *jihadistas*, são a defesa contra este ataque do Ocidente; 3) as suas ações na defesa do Islão são corretas, justas, proporcionais e santificadas; 4) por isso, todos os bons muçulmanos têm o dever de apoiar estas ações. O nível mais baixo da pirâmide de radicalização da opinião é constituído por Muçulmanos que não aceitam e não se revêm em qualquer narrativa *jihadista* global.

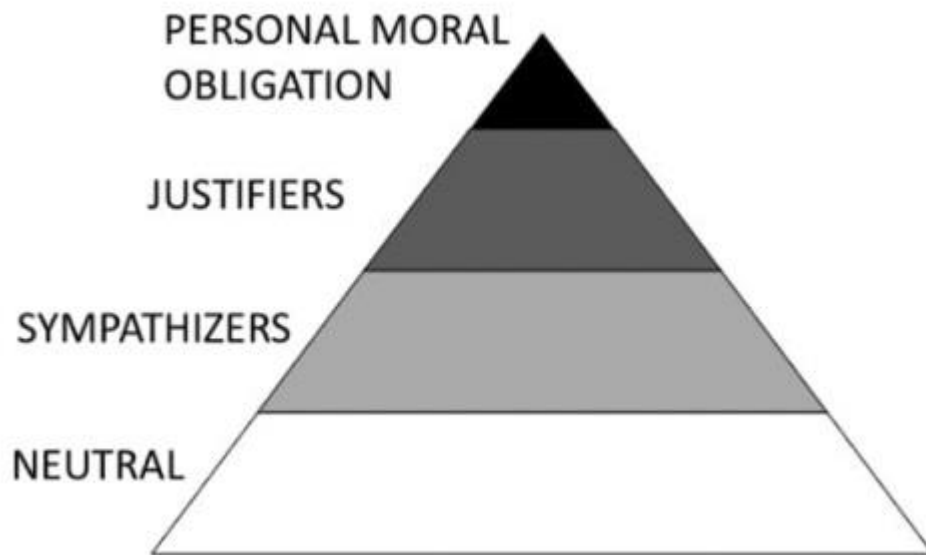


Figura 1 - Pirâmide da radicalização de opinião (Fonte: McCauley & Moskalenko, 2014)

Para avaliar a situação em que se encontra a radicalização de opinião fazem-se sondagens a populações específicas. Tal permite tirar a “fotografia” de como se encontra a “guerra de ideias” entre os terroristas e o poder estabelecido. Ao fazer várias sondagens ao longo do tempo consegue-se perceber do sucesso ou falhanço da guerra de ideias.

Contudo, nem sempre é fácil haver uma concordância entre o que são as crenças e os sentimentos (aspetos cognitivos e atitudinais) e a ação (comportamento externamente observável). Se nalgumas situações as crenças e os sentimentos são bons preditores do comportamento (por exemplo, numa votação), no caso do terrorismo o espaço e o período

que medeiam as crenças e sentimentos e a respetiva ação pode ser grande (McCauley & Moskalenko, 2014). Os mesmos autores encontraram em estudos prévios mecanismos de radicalização de ação que não dependem de ideologias radicais. Assim, a adesão de um indivíduo a um grupo terrorista pode ser motivada pela vingança contra um governo ou poder estabelecido responsável por prejudicar o referido indivíduo, ou seja por queixas pessoais. Outro mecanismo pode ser o de auxílio a um ente querido (amigo, familiar, parceiro romântico). O terceiro mecanismo de radicalização está relacionado com a procura de excitação, riqueza e estatuto (procura de emoções e estatuto). Estes são três dos principais motivos pelos quais indivíduos sem quaisquer ideologias radicais aderem à ação radical (McCauley & Moskalenko, 2014).

O distanciamento entre a radicalização de opinião e a radicalização de ação verifica-se quando a grande maioria de pessoas com ideias radicais previamente estabelecidas não aderem à radicalização de ação.

É esta diferença entre radicalização de opinião e radicalização de ação que indicia a necessidade de haver uma pirâmide de radicalização de ação.

Para McCauley e Moskalenko (2014), a pirâmide de radicalização de ação tem 4 níveis: 1) muçulmanos inertes, independentemente das suas crenças e sentimentos; 2) ativistas muçulmanos envolvidos em ação política não violenta e legal; 3) muçulmanos radicais envolvidos em ativismo político ilegal e violento; 4) no topo da pirâmide estão os terroristas, que são indivíduos radicais que dirigem a sua violência para os civis.

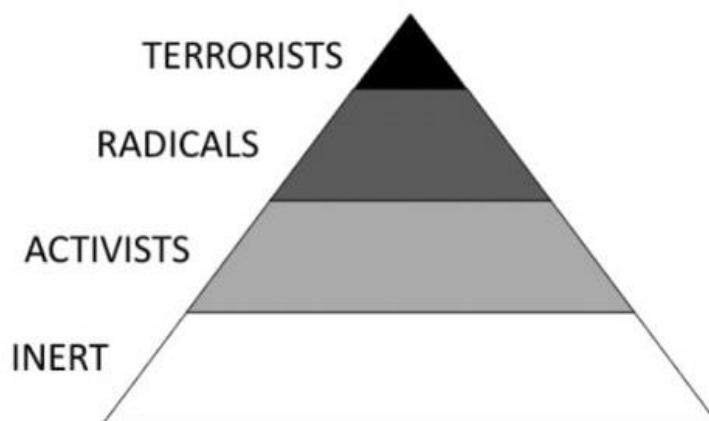


Figura 2 - Pirâmide da radicalização de ação. (Fonte: (McCauley & Moskalenko, 2014))

As zonas de transição na pirâmide entre os diversos níveis representam pontos de transição importantes na radicalização de ação. Importa salientar que este modelo não é rígido, estanque ou por etapas, ou seja, o indivíduo não tem de passar pelo nível anterior para atingir o nível seguinte.

Como já referimos, a maior parte dos ativistas não aderem à ação radical e, por outro lado, não é necessário ser um ativista para aderir à ação radical.

Como pode a perspectiva destes dois autores ser transposta para o caso dos terroristas *lone wolf*? Sabemos que arriscam tudo num ataque terrorista sem contarem com o apoio de uma organização terrorista ou até mesmo de um pequeno grupo? Considerando os estudos dos casos de Vera Zasulich, no séc. XIX e do caso de Clayton Waagner, no final do séc. XX e início do séc. XXI. McCauley e Moskalenko (2014) verificaram que os dois eram simpatizantes com uma causa e talvez justificassem o uso de violência para o suporte dessas mesmas causas, ou sejam, ambos estavam nos níveis médios da pirâmide de radicalização de opinião. Quanto à pirâmide de radicalização de ação, a Vera Zasulich encontrava-se já no nível de ação radical, enquanto o Waagner encontrava-se no nível neutro de ação. Então verificou-se que há um acontecimento que espoleta emoções fortes que torna uma queixa política numa queixa pessoal e que faz com que eles se sentissem responsáveis pelo bem-estar dos outros, ou seja, atingiram o topo da pirâmide da radicalização de opinião ao sentirem uma obrigação moral por esse bem-estar. Para se transpor o espaço entre radicalização de opinião e radicalização de ação, o motivo de violência não é suficiente, é necessário que hajam oportunidades e meios para que alguém leve a cabo um atentado terrorista de forma isolada (McCauley & Moskalenko, 2014).

McCauley e Moskalenko (2014) identificaram quatro características em comum entre ataques por indivíduos solitários a escolas e assassinos isolados que podem ser transpostas para explicar a passagem da radicalização de opinião para a radicalização da ação em terroristas *lone wolf*. As quatro características são: as queixas⁵; a depressão; o *unfreezing*, e o uso de armas fora de um contexto militar (Danzell & Maisonet Montañez, 2016; McCauley & Moskalenko, 2014; McCauley & Moskalenko, 2011; Moskalenko & McCauley, 2011).

As queixas referem-se a acontecimentos que são percecionados pelo indivíduo como injustos, que causam alguma lesão física, dano patrimonial ou perda de estatuto. Este sentimento de injustiça gera desejo de vingança baseada na raiva contra quem foi injusto. Neste caso, quem é alvo de uma injustiça não busca apenas justiça, mas sim vingança, ou seja, deseja ser ele próprio a castigar o autor da injustiça.

⁵ Nossa tradução do Inglês *grievance*.

A depressão, que pode ser traduzida em desespero ou ideação suicida e o *unfreezing* remete para situações que, embora não constituam uma perturbação psicológica, são consideradas como crises situacionais de desconexão pessoal e um desajustamento (McCauley & Moskalenko, 2014; McCauley & Moskalenko, 2011).

O *unfreezing* pode ser entendido como a experiência ou a percepção de perda maior, doença grave, perda de uma relação, ou perda de estatuto social. A desconexão das relações e das atividades rotineiras diárias torna o indivíduo mais permeável a novas ideias e identidades que podem incluir a radicalização política,

Assim sendo, como foi dito anteriormente e de forma sumária, as queixas podem constituir o motivo pelo qual alguém embarca na ação violenta; a experiência no uso de armas providencia os meios; a depressão e o *unfreezing* baixam o custo de oportunidade da ação violenta, uma vez que o indivíduo percebe e sente que tem pouco a perder.

Na opinião de McCauley e Moskalenko (2014, p. 83), o principal indicador de um potencial terrorista *lone wolf* é “a combinação de opiniões radicais com meios e oportunidades para ação radical”. Sendo a ação radical rara, embora as opiniões radicais sejam frequentes, é importante ter em conta as oportunidades e meios de modo a reduzir o risco de ação violenta por *lone wolf*.

2. Isolamento social

Uma outra realidade comum entre os *lone wolves* tem a ver com o facto de eles tenderem a estar socialmente isolados e a “não funcionarem bem com outros” (Bakker & de Graaf, 2010, p. 4), ou seja, tendem a exibir vários níveis de isolamento e inaptidão social (Spaaij, 2012). Os *lone wolves* tendem a ser indivíduos solitários com poucos amigos (Spaaij, 2012), parecendo estar socialmente isolados (Gill et al., 2014) e esta desconexão com o meio que os rodeia poderá dever-se a eventos circunstanciais que conduzam ao tal *unfreezing* (McCauley & Moskalenko, 2014; McCauley & Moskalenko, 2011) como, por exemplo, separação e divórcio ou morte de um companheiro (Gruenewald et al., 2013a). Todavia, tal isolamento não significa que eles não fomentem ligações a organizações e redes terroristas mais amplas. Mas muitas vezes, o isolamento social conjugado com perturbações psicológicas leva a que o *lone wolf* não consiga entrar ou até seja mesmo rejeitado por uma organização ou rede terrorista mais ampla. Assim sendo, alguns *lone wolves*, numa tentativa de evitarem a rejeição das tais redes terroristas, “retiram-se da sociedade e das comunidades mais amplas e atuam completamente

isolados” (Spaaij, 2012, p. 50). Muitas vezes os *lone wolves* tentam afiliar-se a redes e organizações terroristas mais amplas, mas ao aperceberem-se que aquela organização não é suficientemente violenta ou extremista, decidem trilhar o seu próprio caminho de ação violenta individualmente, como por exemplo, o caso de David Copeland⁶ que abandonou o Partido Nacional Britânico (PNB) por este não defender o uso de violência. Noutras situações, é a própria organização que exclui o indivíduo, como foi o caso do Timothy McVeigh⁷ que foi excluído das reuniões da Milícia do Michigan por defender o recurso à violência e tal não se coadunava com os propósitos e ações daquela organização. As organizações e grupo terroristas tendem a não recrutar este tipo de indivíduos por representarem dificuldades adicionais ao nível logístico e de segurança da própria organização. Ser-se rejeitado de um grupo ou organização extremista poderá ser um “prelúdio para mais isolamento e par ao endurecimento do sistema de crenças em que a violência é a única alternativa” (Meloy & Yakeley, 2014, p. 358). É no isolamento, quer seja na incapacidade de se juntar a uma rede maior, quer seja na dificuldade em estabelecer ligações emocionais significativas com os outros que faz que com que o indivíduo se foque nas suas ideologias e, eventualmente, na ação violenta (Springer, 2009).

Importa salientar que este isolamento e inaptidão não os torna desorganizados cognitivamente, nem totalmente desfasados ou desconetados da realidade que os impeça de planear racionalmente e de levar a cabo os atentados.

3. Alteração de comportamento, *leakage*⁸ e interações com as forças de segurança

Outro aspeto comum a ter em conta diz que, independentemente da ideologia subjacente e do seu isolamento operacional, os *lone wolves* tendem a distribuir as suas ideias e manifestos. Regra geral, fazem-no antes de consumarem o ataque terrorista, indiciando e revelando a terceiros as suas visões extremistas e das suas intenções de cometer atos de violência (Bakker & de Graaf, 2010; Bakker & de Graaf, 2011; Brynielsson et al., 2013; Ellis & Pantucci, 2016; Leenaars & Reed, 2016; Spaaij, 2012,

⁶ David Copeland (1979-) é um terrorista *lone wolf* Britânico responsável por um série de ataques com engenhos explosivos com pregos no Verão de 1999, em Londres (Kushner, 2003).

⁷ Timothy James McVeigh (1968-2001) responsável pelo ataque à bomba em Oklahoma a 19 de abril de 1995 (Kushner, 2003).

⁸ Pode ser traduzido para Português como fuga de informação. Decidimos manter o vocábulo Inglês.

2015; Striegher, 2013). Se antes terroristas solitários como Ted Kaczinsky (o Unabomber) tinham de difundir as suas ideias através dos meios de comunicação tradicionais, hoje em dia os terroristas *lone wolf*, com o advento da Internet e das redes sociais, como *Twitter*, *Facebook*, *Instagram*, *Whatsapp*, *Telegram*, comunicam as suas agendas políticas e as suas intenções de enveredar pela violência (Spaaij, 2015).

Outro *early sign* que um indivíduo está adotar ideias extremistas e, eventualmente a ponderar cometer atos violentos, são as alterações de comportamento (Ellis & Pantucci, 2016; Gill et al., 2014). As alterações comportamentais que se podem verificar em datas anteriores aos ataques podem ser do tipo: perda de interesse em amigos e atividades que não estejam diretamente relacionadas com a ideologia, o grupo ou a causa extremista; afastamento da família; o uso de insultos na descrição de outros grupos sociais; alterações drásticas de atitudes e comportamentos; e, alterações drásticas no vestuário (Ellis & Pantucci, 2016). O Projeto CLAT verificou que 34% dos terroristas solitários manifestaram alterações no comportamento e que estas alterações eram mais prevalentes no terrorismo de inspiração religiosa - 50% dos terroristas de inspiração religiosa apresentaram alterações comportamentais, ao invés, apenas 15% dos terroristas de extrema-direita (Ellis & Pantucci, 2016).

No que diz respeito ao termo *leakage* (Meloy, Hoffmann, Guldemann, & James, 2012; Meloy & O'Toole, 2011; O'Toole, 2000), o mesmo, segundo Ellis e Pantucci (2016), refere-se ao facto de muitas vezes, o indivíduo que pretende cometer um ato terrorista dar indicações a terceiros, voluntariamente ou não, das suas intenções de levar a cabo ações terroristas. As alterações comportamentais ou as declarações claras da intenção de levar a cabo um ato terrorista poderão constituir *leakage*. Segundo Ellis & Pantucci (2016), cerca de 46% dos atores solitários do seu estudo manifestaram alguma forma de *leakage*, sem que houvesse variações no que diz respeito ao tipo de ideologia subjacente. Ainda assim, verificaram que 45% da *leakage* levada a cabo por terroristas de inspiração religiosa foi feita a amigos e familiares e que apenas 15% dos terroristas de extrema-direita.

Também Gill et al. (2014) verificaram que em 83% dos casos, terceiros tinham conhecimento das queixas que deram origem a opiniões extremistas e radicais que deram origem a ações violentas. Em 79% dos casos, várias pessoas tinham conhecimento do compromisso de um *lone wolf* com uma ideologia extremista específica. Os outros indivíduos também tinham conhecimento acerca das pesquisas, planeamentos e preparação dos atos preparatórios do ataque terrorista (58% dos casos). Por fim, 59% dos

indivíduos disseminaram, previamente ao ataque, informação através de carta, panfletos, manifestos, *posts* em fóruns virtuais das suas crenças e ideologias extremistas, mas não da sua ação.

Este fenómeno de *leakage* é importante porque sugere que amigos, família e colegas de trabalho podem ter um papel importante na disrupção de planos de ataques terroristas por um *lone wolf*, embora em nenhum caso tivessem denunciado tal conhecimento às autoridades competentes (Gill et al., 2014). Estes autores sugerem que deve ser dada informação ao público em geral, de modo a despertar o *public awareness*, de modo a que possam identificar mais facilmente sinais indicadores da adoção de radicalização para a violência e disponibilizar canais apropriados para que as informações cheguem em tempo útil às autoridades competentes para desenvolverem as ações de investigação adequadas.

O *leakage* também pode ser útil, na medida em que os *lone wolf* frequentemente se associarem a “várias atividades observáveis com grupos de pressão, movimentos sociais, ou organizações terroristas” (Gill et al., 2014, p. 434). No seu estudo, Gill et al. (2014) verificaram que os eventos de interação anteriormente referidos incluíam interações pessoais com elementos desses grupos (48%), ou interações virtuais (35%), em 68% dos casos houve suspeita de leitura e/ou consumo de propaganda associada aos tais grupos. O que deriva do aqui referido é de que ao contrário do que se pensa – que os *lone wolves* são “virtualmente indetetáveis” (Gill et al., 2014, p. 434) – é que é possível recorrer a técnicas de contraterrorismo tradicionais como contrainteligência, HUMINT⁹, interceção de comunicações, vigilância de pessoas, que permitam uma deteção precoce de um *lone wolf* nas diversas fases do seu caminho para a violência (Gill et al., 2014).

Um outro aspeto que aqui importa considerar diz respeito às interações prévias entre o terrorista *lone wolf* e as forças e serviços de segurança. O Projeto CLAT verificou que cerca de 40% dos terroristas extremistas de direita foram descobertos pelas autoridades por uma questão de mero acaso ou sorte, como por exemplo, alguém que já estava a ser investigado por outro tipo de crimes, ou o caso da explosão accidental de um engenho explosivo num teste. Ao invés, cerca de 88% das intervenções das autoridades com terroristas de inspiração religiosa foram feitas com base em Inteligência (Ellis & Pantucci, 2016), o que poderá sugerir que na UE as prioridades das forças policiais se centram mais no combate e disrupção de atentados terroristas de inspiração religiosa do

⁹ Do Inglês *Human Intelligence*. Refere-se à inteligência obtida por intermédio de fontes de informação humanas.

que em atentados motivados por ideologias de extrema-direita. Tal facto porém, poderá originar uma espécie de *efeito de túnel* em que se as autoridades apenas se encontram focadas no terrorismo de inspiração religiosa poderá dar origem a um enviesamento que faz com que falhem na deteção de outros possíveis autores de terrorismo *lone wolf* com outras ideologias (Striegher, 2013). Por isso, Ellis e Pantucci (2016) recomendam que a atenção sobre o terrorismo *lone wolf* de extrema-direita não seja negligenciado, uma vez que desde de 2006, no Ocidente, apenas 20% das mortes foram perpetradas por terrorismo de inspiração religiosa, ao passo que 80% das mortes foram levadas a cabo por terrorismo de inspiração em ideologia de extrema-direita. Nesse caso, existe a necessidade das autoridades com responsabilidades na luta contra o terrorismo melhorarem a sua capacidade de deteção de atividades e planos terroristas de inspiração de extrema-direita, uma vez que representam uma ameaça considerável na Europa (e até no Ocidente).

No que diz respeito a alterações de comportamento, o *leakage* e a interações com as autoridades indicam várias as possibilidades de desenvolvimento de ação contraterrorista. Tais comportamentos tornam salientes os possíveis autores de atos de terrorismo. São as pessoas mais próximas deles (amigos, colegas de trabalho e família) que possuem informações importantes acerca da visão ideológica extremista e das intenções de passar das ideias extremistas para a ação extremista violenta (Ellis & Pantucci, 2016; Spaaij, 2015; Striegher, 2013; Williams, Horgan, & Evans, 2016). Para isso é preciso desenvolver programas de prevenção e consciencialização para contrapor o extremismo violento¹⁰, que garanta que o público em geral é “capaz de reconhecer comportamentos extremistas que podem dar em violência, tenham meios para os reportar e, mais importante, tenham vontade de os reportar” (Ellis & Pantucci, 2016, p. 6).

4. O uso da Internet e das redes sociais

Cada vez mais a sociedade contemporânea que se encontra ligada em rede graças ao desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação em que, segundo Castells (2010) as comunicações efetuam-se em redes comunicacionais horizontais baseadas na Internet e na tecnologia *wireless* diferentes das redes baseadas nos media tradicionais. Tal levou a uma alteração cultural profunda, uma vez que o mundo virtual torna-se uma dimensão essencial da realidade do quotidiano.

¹⁰ Nossa tradução do Inglês *countering violent extremism*.

Tais alterações vieram alterar profundamente o quotidiano no que diz respeito a economia, trabalho, interações sociais e comunicações interpessoais. Com advento destas tecnologias baseadas na Internet e na *world wide web*, no *wireless* há toda uma alteração na forma como consumimos e partilhámos informação mais variada, na forma como nos relacionamos com o outro. Se qualquer tecnologia representa um potencial de oportunidades e de progresso, o seu contrário também é possível, ou seja também poderá representar novos perigos e desafios, e novas formas de criminalidade (de preparar e cometer crimes).

A criminalidade em geral, e o terrorismo em particular também não são alheios a estas evoluções tecnológicas e fazem uso das mesmas como meio de aprendizagem e preparação de novos crimes, como fóruns de comunicação e trocas de experiências para a prática de crimes.

Ao nível do terrorismo e do terrorismo por *lone wolf*, o uso da Internet e das redes sociais constitui um problema, porque poderá estar na origem de uma radicalização individual mais rápida; servirá para troca de ideias e de mobilização de recursos entre indivíduos que partilham as mesmas visões extremistas; servirá para fins de propaganda de organizações e redes terroristas que podem servir de inspiração; servirá para colocar ao dispor das massas de manuais de aprendizagem de competências necessárias para levar a cabo um ataque *lone wolf* bem-sucedido. Mas, se por um lado, o uso da Internet dificulta a deteção e identificação de indivíduos que se radicalizaram e pretendem levar a cabo um ataque terrorista, por outro lado, os terroristas *lone wolf* não atuam no vácuo social e como tal as interações que eles estabelecem não são totalmente incógnitas o que os torna vulneráveis à deteção e posterior disrupção do seu ataque terrorista.

O uso da Internet, das redes sociais, da *deepweb* e da *darknet*, das várias aplicações e plataformas comunicacionais abre um número de oportunidades infinitas no que diz respeito ao terrorismo *lone wolf* Simon, (2013), servindo-se da conceção de Rapoport (2004), fala mesmo numa quinta vaga de terrorismo: a vaga tecnológica que fornece informação e confiança – *empowerment* – para que indivíduos a solo, numa perspetiva *do it yourself* (DIY) levem a cabo ataques e publicitem a sua causa. Sageman (2008) defende que a Internet pode funcionar como elemento catalisador do terrorismo por *lone wolf*, inclusive proporcionar aos indivíduos a possibilidade de se radicalizarem na própria sala de estar. Ainda neste sentido Alfaro-Gonzalez et al. (2015) verificaram uma tendência de radicalização através do uso da Internet.

O uso da Internet e das redes sociais é visto como responsável por colocar em contato pessoas com comunidades virtuais, distantes fisicamente, mas que partilham as mesmas ideias e que de certa forma podem instigar no sentido de levar a cabo ataques terroristas (Pantucci, 2011a). A Internet e as redes sociais atuam como uma comunidade substituta ou como uma estrutura de suporte, especialmente para os indivíduos isolados o que lhes permite ultrapassar as barreiras físicas e sociais de relacionamentos pessoais através da interação direta com comunidades e indivíduos com crenças semelhantes (Pantucci, 2011a; Spaaij, 2012, 2015). Os *lone wolves* não estão completamente sozinhos, eles pertencem a uma “alcateia virtual” (Weimann, 2012, p.78) onde são “recrutados, radicalizados, ensinados, treinados e dirigidos por outros” (Weimann, 2012, p. 79).

Ainda a nível individual, o acesso à Internet e a novas plataformas de comunicação virtuais permite o acesso a material de suporte, tais como o consumo de propaganda e de ideologia específica com a qual se identificam e que lhes dá a justificação moral para levarem a cabo os ataques terroristas. Por outro lado também fornece material de suporte ao nível logístico, operacional e tático, tais como manuais, como por exemplo, *The Blood and Honour field manual* e o *The National Socialist political soldiers handbook*, publicados e distribuídos *online* pela organização neo-nazi *Blood and Honour*, ou a revista *Inspire* da Al-Qaeda na Península Arábica (AQAP), ou a revista *Dabiq* do Estado Islâmico. Estes são apenas alguns dos muitos exemplos de material de apoio operacional, motivacional e inspirador que circula nos meandros das redes sociais que permitem aos *lone wolves* a “doutrinação, e a autoaprendizagem e o desenvolvimento de capacidades de modo autónomo e independentemente da sua localização geográfica (Striegher, 2013). Parte do suporte operacional e tático que circula na Internet permite que outros aspirantes a terrorista *lone wolf* por imitação possam levar a cabo ataques inspirados em ataques e/ou em materiais difundidos por outros *lone wolves*, cuja facilidade e rapidez de disseminação virtual facilita o acesso e a consulta por parte de qualquer indivíduo. Porém, a qualidade dos materiais/manuais de treino no manuseamento de armas, em técnicas de vigilância e contra vigilância, manuseamento e manufatura de explosivos, levar a cabo atentados suicidas, é considerada por muitos como sendo baixa (Burton & Stewart, 2008; Ellis et al., 2016; Kenney, 2010). Tal se deve, segundo Kenney (2010), ao facto que, ainda que a parte teórica e técnica possa ser aprendida com recurso a manuais de treino, falta um conhecimento prático da ordem do “saber fazer fazendo” (Kenney, 2010, p. 181).

O uso de Internet e das redes sociais pode, ainda funcionar como um veículo para as organizações e redes terroristas atraírem e recrutarem recursos humanos para as suas

fileiras. Ou, então, podem ser uma fonte de inspiração e motivação para que indivíduos a levarem a cabo atos terroristas de modo autónomo e independente. Os grupos terroristas disseminam através das redes sociais materiais diversos: propaganda/exortação/inspiração ideológica; justificação moral; manuais operacionais e táticos. Já foi referido anteriormente, que uma das estratégias para os grupos evitarem a ação antiterrorista das forças e serviços de segurança consiste na resistência sem liderança. Assim sendo, vários grupos extremistas, independentemente da ideologia subjacente, apelam a que, quem se identifica com a causa deverão levar a cabo ataques terroristas a solo. Para tal, e a título de exemplo, organizações terroristas como a Al-Qaeda e o Estado Islâmico disponibilizam na Internet revistas em Língua Inglesa, a *Inspire* e a *Dabiq*, respetivamente, a exortarem à *leaderless jihad* (Sageman, 2008) por parte de qualquer muçulmano contra alvos ocidentais. Estas organizações terroristas fazem um uso das potencialidades da Internet e das redes sociais, utilizando plataformas como o *Youtube* onde exibem vídeos a fazerem a apologia da *leaderless jihad* como o vídeo de 2 de Junho de 2011 “*Your are responsible only for yourself*”¹¹. Não faltam exemplos de publicações nas mais diversas redes sociais de material propagandístico, em que se faz a apologia e o elogio de atos terroristas como, por exemplo, o Major Nidal Hasan, médico psiquiatra do Exército Americano, que matou 13 pessoas na base militar americana de Fort Hood, em 2009, com o intuito de ser considerado um exemplo a seguir.

Posto isto, o uso crescente da Internet e o envolvimento de terroristas *lone wolf* parece indicar que existe um nexos causal entre terrorismo-tecnologia (Pantucci, 2011a; Weimann, 2012) e que este envolvimento é de natureza multimodal e multidirecional (Spaaij, 2015). Por um lado é multimodal, porque há uma interseção das modalidades de comunicação na construção do significado e para tal são utilizadas várias tecnologias e redes sociais como o *Facebook*, *Youtube*, *Twitter*, *Instagram*, *Telegram*, *Whatsapp*, e são frequentadas ambientes virtuais públicos, semi-públicos ou “secreto” como a *Darknet*. Por outro lado é multidirecional, porque a influência pode ter várias direções, nomeadamente, pode ser uma influência superior quando há preparação, recrutamento e disseminação de propaganda e de quadros de referência de ação coletiva ou narrativas a que os aspirantes a terroristas *lone wolf* se podem identificar. A influência também pode vir de baixo como por exemplo, quando há um envolvimento *bottom-up* com ideologias

¹¹ Pode ser visto em <https://www.youtube.com/watch?v=Fd1MPX5Y9nQ> (consultado a 10 de fevereiro de 2017).

de validação. Por último pode ser horizontal, quando há interações e comunicações com indivíduos que partilham o mesmo sistema de crenças.

4.1. A Internet e as possibilidades de deteção

A utilização, por vezes intensiva, da Internet e das redes sociais por parte de terroristas *lone wolf* constitui um desafio para as forças e serviços de segurança. Não é fácil detetar indivíduos sem ligações formais a organizações e que utilizam a Internet como forma de evitar, por exemplo, as viagens para treinos (Silber & Bhatt, 2007). O uso da Internet também “encoraja os grupos a descentralizarem as suas organizações, tornado mais difícil a sua identificação, observação, infiltração e monitorização” (Bolz et al., 2016, p. 32).

Apesar de todas estas dificuldades de deteção de possíveis terroristas *lone wolf*, será seguro dizer que o uso intensivo da Internet e redes sociais por parte destes também se pode afigurar como um manancial de oportunidades para as forças e serviços de segurança no seu combate contraterrorista (Brynielsson et al., 2013; Cohen, Johansson, Kaati, & Mork, 2014; Ellis & Pantucci, 2016; Kaati & Svenson, 2011; Pantucci et al., 2015; Pantucci, 2011a; Spaaij, 2012, 2015; Striegheer, 2013; Weimann, 2012; Wiskind, 2016).

O uso da Internet e das redes sociais é algo que deixa rasto e pode ser, com mais ou menos dificuldades, monitorizado por parte das forças e serviços de segurança, sempre com a salvaguarda, que nas sociedades democráticas, onde os direitos, liberdades e garantias protegem a confidencialidade e privacidade das comunicações serão sempre respeitados (Brynielsson et al., 2013; Cohen et al., 2014). Geralmente, na tradição europeia, a interceção de comunicações faz-se quando existem fortes e fundamentadas suspeitas que um indivíduo identificado praticou um crime. Só assim é que um tribunal autoriza as interceções das comunicações. No caso do terrorismo *lone wolf*, a vigilância efetuada em redes sociais, fóruns extremistas, em que não se conhece a identidade do possível terrorista, será sempre uma vigilância feita às comunicações e a materiais que se encontram disponíveis – carácter público da Internet. A vigilância em que se monitoriza e analisa as redes sociais com o intuito de identificar potenciais terroristas *lone wolf* assemelha-se à videovigilância de locais públicos: o objetivo é detetar comportamentos

criminosos, mas têm o reverso da medalha de também monitorizarem cidadãos inocentes no seu dia-a-dia. No caso da videovigilância, assunto sempre polémico e gerados de discussões, quando comparado com agentes de polícia em patrulhamento apeado em sítios públicos. Estes também monitorizam o comportamento de todos os cidadãos naquele local público e estão atentos aos comportamentos que possam constituir incivildades e/ou ilicitudes, todavia tal raramente é polémico e gerador de discussões, mas sim aceite e visto como legítimo. Este será o caminho que a vigilância na Internet terá de trilhar, ou seja, tem de ser vista como legítima, à semelhança de outras formas de prevenção e policiamento.

Sabe-se que a Internet e as redes sociais têm um papel importante no terrorismo *lone wolf*, uma vez que constituem um meio importante onde indivíduos com crenças semelhantes trocam ideias, onde é possível adquirir propaganda diversa, aprofundar e cristalizar as crenças extremistas e até mesmo aprender como levar a cabo ataques solitários.

Ainda assim, a Internet apresenta potencialidades para quem se dedica à luta contra o terrorismo. É sabido que é difícil analisar, pesquisar e monitorizar a informação na Internet de forma manual, tendo em conta o grande volume de dados, quer estejam na *Surface web*, quer estejam na *Deep web*. Para auxiliar um analista na identificação e valorização de sinais que alguém se prepara para levar a cabo um ato terrorista a solo podem ser desenvolvidas ferramentas semiautomáticas de pesquisa que o auxiliem na monitorização e avaliação desses intentos (Brynielsson et al., 2013; Cohen et al., 2014; Kaati & Svenson, 2011). Para tal, as autoridades têm de suprir lacunas no que diz a ferramentas de *data mining* e técnicas de mapeamento (*mapping techniques*) (Spaaij, 2015).

A título de exemplo, Agência de Defesa e Pesquisa Sueca (FOI – Swedish Defence Research Agency) tem desenvolvimento ferramentas semiautomáticas de auxílio aos analistas. A análise de hiperligações e processamento de linguagem natural para mapeamento de fóruns na *Dark web* de modo a saber quais destes fóruns e dos seus utilizadores devem ser monitorizados com mais atenção (Brynielsson et al., 2013). A FOI desenvolveu as suas ferramentas semiautomáticas de monitorização atendendo ao facto de que muitas vezes, os *lone wolves* exteriorizam marcadores comportamentais que podem ser “ações preparatórias, expressões linguísticas de atitudes, motivações e intenções” (Cohen et al., 2014, p. 248).

Tal foi definido por Meloy, Hoffmann, Guldemann, e James (2012) como comportamentos de alerta (*warning behaviours*). Os comportamentos de alerta, segundo Meloy et al. (2012) constituem uma perspectiva adicional na avaliação da ameaça e são comportamentos que precedem, estão relacionados ou predizem atos de violência intencional. Os comportamentos que podem ser vistos como indicadores ou aceleradores de risco de violência são, segundo Meloy et al. (2012), os seguintes: 1) percurso; 2) fixação; 3) identificação; 4) nova agressão; 5) explosão de energia; 6) *leakage*; 7) último recurso; ameaça diretamente comunicada. Para Cohen et al. (2014), os marcadores comportamentais que poderão indicar violência radical e que podem ser identificados em publicações *online* são a fixação, a identificação e o *leakage*.

A fixação é um comportamento de alerta que indica uma preocupação crescente e patológica com uma pessoa ou causa (Mullen et al., 2009). Caracteriza-se por um crescendo no que diz respeito à perseveração, à opinião estridente e à caracterização negativa relativamente ao objeto de fixação que é muitas vezes visto como a causa da queixa. Associada à fixação estão a deterioração da vida social e ocupacional (Meloy et al., 2012). Na análise e monitorização de textos escritos em fóruns, a fixação pode ser avaliada utilizando através da frequência com que certas palavras-chave são utilizadas e pela forma com que se relacionam com outras palavras como entidades, como pessoas ou organizações (Brynielsson et al., 2013). A fixação também pode ser avaliada pelo acumular de informação e de fatos acerca do objeto fixado, ou de informação com o propósito de preparar um ataque (Cohen et al., 2014).

A identificação é um comportamento de alerta que indicia a vontade de ser um “pseudo-comando” (Dietz, 1986; Knoll, 2010) ou de se ter a mentalidade de um guerreiro (Meloy, Hempel, Mohandie, Shiva, & Gray, 2001). É através da identificação que alguém se relaciona com armas e toda a parafernália associada à vida militar e à atividade policial. Neste comportamento de alerta o indivíduo identifica-se com atacantes ou assassinos anteriores, ou identifica-se como sendo um agente que promove a mudança de determinada causa ou sistema de crenças (Meloy et al., 2012). Neste grupo de comportamentos de alerta também se incluem as fantasias pessoais e as ideias narcisistas. Cohen et al. (2014) dividiram o comportamento de identificação definido por Meloy et al. (2012) em três subcategorias: identificação com ação radical, identificação com um modelo e identificação com um grupo específico.

A identificação com a ação radical está associada à dita “mentalidade de guerreiro”, ou seja, alguém que se vê como um herói/salvador e que crê que o uso de

violência está legitimado porque ele luta por uma causa moralmente superior. A título de exemplo, temos a foto de Anders Breivik a apontar uma arma automática para a fotografia, antes de levar a cabo o ataque em Oslo e na Ilha de Utoya, em 2011.

Quando alguém se identifica com alguém, por exemplo um líder radical e tenta imitar o estilo, as ideias e as ações, estamos perante uma situação de identificação com um modelo. Mais uma vez a título de exemplo, Anders Breivik recebeu influência e identificava-se com um *blogger* anti-islâmico norueguês com o *alias* Fjordman. Tal pode ser visto pelas inúmeras referências ao Fjordman no manifesto¹² publicado momentos antes do seu ataque. Outro exemplo remete para atiradores ativos em escolas que são influenciados e inspirados por Eric Harris e Dylan Klebold, autores do massacre no Liceu de Columbine nos EUA, em 1999.

A identificação com um grupo específico está relacionada com o facto de os terroristas *lone wolf* se identificarem com grupos mais abrangentes e sentirem que têm a obrigação moral para com um grupo, por identificação com a causa (McCauley & Moskalenko, 2008). Uma identificação forte com os valores coletivos do grupo poderá levar a que alguém embarque em violência contra civis inocentes. Isto acontece porque através da identificação com o grupo, as necessidades deste se sobrepõem às necessidades individuais. Quando tal acontece, o indivíduo torna-se mais suscetível de autossacrificar-se, por exemplo, levando a cabo um ato de violência política (McCauley & Moskalenko, 2008; Moskalenko & McCauley, 2011). Inversamente, a identificação também pode ser negativa relativamente ao grupo inimigo/adversário. Tal identificação negativa constitui uma parte importante do processo de radicalização, uma vez que permite diabolizar e desumanizar o inimigo percebido, o que facilita a justificação do uso de violência (Brynielsson et al., 2013; Cohen et al., 2014; Kaati & Svenson, 2011). No que diz respeito aos marcadores linguísticos que podem indicar comportamento de identificação com o grupo, verificou-se através de técnicas de análise de sentimentos e afetos, o uso de pronomes pessoais da primeira pessoa do plural. Relativamente à identificação grupal negativa, verificou-se o uso de pronomes pessoais da terceira pessoa do plural quando se refere o grupo adversário. O uso de tais pronomes pode ser usado como indicador de extremismo violento (Pennebaker & Chung, 2008). Já no que diz respeito à mentalidade de guerreiro poderão ser utilizados marcadores linguísticos relacionados com palavras como dever, honra, justiça. Na identificação com um outro radical é habitual citar este ou

¹² Anders B. Breivik, 2083—*A European Declaration of Independence*, 2011, <http://www.deism.com/images/breivik-manifesto-2011.pdf>

haver mesmo uma semelhança no estilo de linguagem que pode ser identificada utilizado técnicas de reconhecimento de autor (Brynielsson et al., 2013; Cohen et al., 2014).

O comportamento de alerta designado de *leakage*, em contexto de avaliação da ameaça, refere-se à comunicação a terceiros da intenção de usar a violência contra alguém (Cohen et al., 2014; Meloy et al., 2012; Meloy & O'Toole, 2011; O'Toole, 2000). Este conceito foi inicialmente utilizado por O'Toole (2000) no contexto da violência em ambiente escolar. A *leakage* acontecia quando um aluno de forma intencional, ou não, dava pistas acerca dos “pensamentos, fantasias, atitudes, ou intenções que podem sinalizar um ato violento iminente” (O'Toole, 2000, p. 16). Estas pistas podem ser veiculadas de várias formas (ex: ameaça, insinuações, previsões, ultimatos). Podem ser verbais ou serem transmitidas através de “histórias, diários, ensaios, poemas, cartas, canções, desenhos, rascunhos, garatujas, tatuagens ou vídeos” (O'Toole, 2000, p. 16). Segundo a autora, a *leakage*, fuga de informação, é uma das pistas mais importantes que precedem o comportamento violento de um adolescente. O trabalho de Meloy e O'Toole (2011) revelou que aquando de ataques a figuras públicas e assassinatos emerge um padrão de *leakage*. Estes ataques são precedidos por ameaças indiretas e condicionais, ou diretas mas dirigidas a pessoas associadas com o alvo, ou ameaças bizarras comunicadas a políticos, figuras públicas, ou forças policiais. Contudo, segundo os mesmos autores, estas ameaças raramente são feitas diretamente ao alvo da violência, a não ser nos casos de jovens atacantes em escolas (Meloy et al., 2001). Além disso, os comportamentos de *leakage* aparecem muitas vezes associados a outros comportamentos de alerta (Meloy & O'Toole, 2011).

Quanto aos marcadores linguísticos relacionados com *leakage* que podem ser avaliados nas redes sociais saliente-se o facto de serem usadas palavras que indicam intenção de levar a cabo ações violentas (Cohen et al., 2014) e podem ser usadas abertamente ou de modo dissimulado, através do recurso a eufemismos e/ou ironia. Segundo Cohen et al. (2014), o fenómeno de *leakage* pode ser detetado de forma fácil através da análise de textos em que após derivação e lematização das palavras compara-se as mesmas com uma lista predefinida de palavras relacionadas com ação violenta. Através do uso de relações semânticas é possível reduzir o número de palavras que indicam ação violenta. Todavia o uso apenas de uma palavra que indique uma ação violenta não é suficiente para classificar como marcador linguístico do comportamento de alerta de *leakage* é preciso ter em conta o contexto da frase (Cohen et al., 2014). Ainda importa referir que poderão existir dificuldades na análise de marcadores linguísticos

quando são utilizadas textos irónicos ou com carácter de anedota, todavia se se restringir os *sites* àqueles que se conhecem de antemão os seus conteúdos de violência extremista é possível reduzir os chamados falsos positivos (Cohen et al., 2014). Ainda que O'Toole (2001) defenda que o comportamento de alerta *leakage* pode ser um dos mais importantes na previsão de um comportamento violento, Meloy e O'Toole (2011) defendem que o mesmo dever ser visto tendo em conta todas as circunstâncias de vida do indivíduo, bem como devem ser tidos em conta outros comportamentos de alerta associados ao *leakage*. O comportamento de alerta de *leakage* necessita de mais investigação (Meloy & O'Toole, 2011) para que possa ter valor preditivo no que diz respeito a outros tipos de violência direcionada, como por exemplo, o terrorismo *lone wolf*.

Sem nos alongarmos nos pormenores técnicos de funcionamento das ferramentas de análise de textos que permitem a monitorização e análise de redes sociais na procura de evidências de extremismo violento, cabe-nos indicar algumas. Hoje em dia a tarefa dos analistas encontra-se algo facilitada pelo uso de serviços de tradução já com alguma qualidade que permitem fazer uma boa tradução de conteúdos extremistas sem ser necessário ser fluente no idioma original do texto.

Ainda que a qualidade da tradução não seja tão boa, permite maior rapidez e maior volume de material a ser analisado, em qualquer idioma (Brynielsson et al., 2013; Cohen et al., 2014).

Outra ferramenta é a análise de sentimentos ou métodos de *mining* de opinião (Brynielsson et al., 2013; Cohen et al., 2014) que através de algoritmos computacionais permite distinguir entre textos radicais e textos não radicais de modo a identificar ameaças dirigidas a indivíduos ou a grupos étnicos específicos. Abbasi, Chen, Thoms, e Fu (2008) utilizaram a análise de sentimentos para compararem os níveis de ódio, raiva e racismo em vários fóruns *online*. Ainda assim, a análise de sentimentos ainda precisa de mais investigação até se tornar uma ferramenta verdadeiramente fiável (Cohen et al., 2014).

O mapeamento de sítios da Internet que tenha conteúdos relacionados com extremismo violento também é uma ferramenta de auxílio ao analista. De uma forma simplista, através desta ferramenta utilizam-se sítios de Internet conhecidos por terem conteúdos de extremismo violento e estes servem de base para se explorarem outros sítios e fóruns que estejam relacionados e conectados. É através do designado *crawling*, ou seja, quando se pesquisam todos os sítios que estão relacionados que se cria o tal mapeamento de sítios da Internet em que cada um é um nó e está relacionado com outros *sites*. Tal

permite distinguir os sítios que são mais interessantes de investigar, dos que não o são, de uma perspectiva contraterrorista (Brynielsson et al., 2013; Cohen et al., 2014).

Por fim, outra das ferramentas disponível é o reconhecimento de autor (Brynielsson et al., 2013; Cohen et al., 2014; Narayanan et al., 2012). O uso da Internet permite a qualquer pessoa criar um perfil para poder aceder a fóruns ou páginas onde existem conteúdos extremistas violentos. Hoje em dia é relativamente fácil criar um ou vários perfis/*alias* em que se torna quase impossível às forças e serviços de segurança chegar à verdadeira identidade por detrás daqueles perfis. Através de algoritmos é possível fazer a análise da frequência de certas classes de palavras, de certos trechos e respetivas construções sintáticas de modo a criar uma espécie de “impressão digital” relativamente ao estilo de escrita. Esta técnica ainda que esteja numa fase embrionária e necessite de mais desenvolvimento, poderá ser útil para, por exemplo, identificar através do estilo de escrita a identidade do mesmo autor em vários *sites* e fóruns ainda que ele utilize diferente *alias* (Narayanan et al., 2012).

O uso deste tipo de técnicas de análise semiautomáticas de conteúdos *online* e nas redes sociais constituem uma ferramenta importante na luta contra o terrorismo por *lone wolf*. Não havendo um perfil típico do *lone wolf* e tendo em conta a sua capacidade de se furtar às metodologias contraterroristas tradicionais, este tipo de técnicas de análise são importantes na identificação de *weak signals* que os indivíduos vão deixando *online*. Quando conjugados com outras fontes de informação, poderão indicar uma intenção de levar a cabo ataques terroristas. Segundo Brynielsson et al. (2013) a análise destes *weak signals* poderá ser uma das formas de ultrapassar a dificuldade de deteção dos *lone wolves* antes que levem a cabo um ataque terrorista.

Ainda que a vigilância, monitorização e análise de publicações em fóruns e redes sociais possam constituir uma importante fonte de inteligência contraterrorista ela não constitui por si só a única ferramenta disponível como iremos ver.

5. Outras possibilidades de resposta contra o terrorismo *lone wolf*

A luta contra o terrorismo independentemente da tipologia terrorista, para ser bem-sucedida, dependerá sempre da capacidade de comunicação, articulação e partilha de informações entre forças de segurança, serviços de inteligência e autoridades judiciais (Spaaij, 2015).

Para Spaaij (2012), as políticas contraterroristas, quer para o fenómeno *lone wolf*, quer contra o terrorismo tradicional que é levado a cabo por redes e organizações terroristas, tem sempre de ter em conta fatores históricos, experiências prévias do país com o terrorismo, bem como o sistema político e a cultura do país. Ou seja políticas que têm em conta o contexto específico de determinado país, ou até mesmo de determinada região de um país.

De um modo geral, as possibilidades de fazer frente ao terrorismo por *lone wolf* podem ser divididas em três categorias: a legislativa, a repressiva e a conciliatória (Spaaij, 2012).

Relativamente à via legislativa cumpre saber que na maioria das situações, o terrorismo *lone wolf* é enquadrado nas legislações domésticas e/ou internacionais nas categorias legais relacionados com o crime e com o terrorismo. Geralmente, a legislação contraterrorista encontra-se direcionada para a luta contra organizações e redes terroristas. Todavia, em alguns casos presume-se que o terrorismo *lone wolf* possa influenciar as revisões legislativas ou até mesmo levar ao estabelecimento de novas legislações¹³ (Spaaij, 2012).

Nos EUA, o terrorismo *lone wolf* foi introduzido no quadro legislativo contraterrorista na revisão de 2004 do *Intelligence Reform and Terrorism Prevention Act*, que alterou de forma profunda o *Foreign Intelligence Surveillance Act* (FISA). Tal alteração permitiu rastrear cidadãos de países estrangeiros quando existam suspeitas de serem *lone wolves*. Para tal apenas é necessária uma ordem do tribunal para se proceder a uma vigilância eletrónica ou revista/busca física sem ser necessário demonstrar ligação desse indivíduo com qualquer organização terrorista ou governo estrangeiro (Bazan, 2004). Esta medida tem de ser constantemente revista na medida em que existe sempre o perigo de violação das liberdades civis. Porém, tal medida foi alargada até 1 de junho de 2015, porque existe a tendência que estas se prolonguem no tempo com as alegações de “guerra ao terror”. O prolongamento destas medidas é visto com alguma preocupação pela *American Civil Liberties Union* (ACLU)¹⁴ porque não salvaguardam a privacidade e as liberdades civis e ampliam de forma desmesurada os poderes investigatórios das autoridades americanas. A ACLU ainda chama a atenção para o facto de não existirem

¹³ Nos EUA, em 1996, a aprovação do *Anti-Terrorism and Effective Death Penalty Act* foi aprovado após os atentados de Eric Rudolph nos Jogos Olímpicos de Verão de Atlanta.

¹⁴ Vide <https://www.aclu.org/news/house-passes-extension-overbroad-patriot-act-provisions>

relatórios públicos que mostrem como o governo tem usado esses poderes e não existem provas de que tem sido uma medida efetiva na prevenção do terrorismo por *lone wolf* (American Civil Liberties Union, 2009).

A nível europeu e no âmbito da União Europeia, o terrorismo também constitui uma ameaça aos valores civilizacionais e democráticos. A União Europeia pretende ser um espaço comum de liberdade de circulação de bens, capitais, pessoas e ideias. Tal liberdade de circulação no interior das fronteiras da União é um bem precioso, mas também abre novos desafios de segurança no que diz respeito, por exemplo, à criminalidade transnacional e ao terrorismo. A luta contra estes fenómenos criminais cada vez mais complexos e multifacetados é da responsabilidade de todos os Estados Membros da União. Para tal tem de haver um espírito de cooperação e partilha de informação.

Não querendo aprofundar o quadro legislativo da União Europeia no que diz respeito à luta contra o terrorismo, porque não é o âmbito do presente trabalho, importa referir que tal crime constitui uma violação dos princípios de liberdade, democracia e respeito pelos direitos, liberdades e garantias de todos os europeus.

O terrorismo desde cedo na vida da União Europeia constituiu uma preocupação. Assim sendo, em 1977 é assinada a Convenção Europeia para a Repressão do Terrorismo, que foi aprovada pela Assembleia da República Portuguesa sob a forma de Lei n.º 19/81, de 18 de agosto.

Posteriormente, surge a Decisão-Quadro do Conselho n.º 2002/475/JAI, de 13 de junho de 2002, que propõe uma aproximação das definições legais do crime de terrorismo, bem como uma reajustar penas e sanções de modo a que reflitam a gravidade dessas infrações. Em 2008 esta Decisão-Quadro é alterada Decisão-Quadro n.º 2008/919/JAI do Conselho, de 28 de novembro de 2008. Este diploma passa a considerar como infrações: o incitamento público à prática de infrações terroristas; o recrutamento e o treino para atividades terroristas.

De forma complementar, em 2005, foi adotado o Programa de Haia que elencou dez prioridades para o período temporal de cinco anos. Neste programa assumiu-se que a resposta ao terrorismo deve ser global, integrada e coerente e com a cooperação de países terceiros. O Programa de Haia definiu que deve ser dada prioridade à prevenção e partilha de informação, ao recrutamento e financiamento das atividades terroristas.

Em Novembro de 2005 é conhecida a Estratégia Antiterrorista da União Europeia, que foi revista em 19 de maio de 2014. Esta estratégia coloca a tónica em quatro objetivos na luta contra o terrorismo: prevenir, proteger, perseguir e responder.

A 10 de fevereiro de 2015, o Parlamento Europeu aprovou a Proposta de Resolução 2015/2530 (RSP) que contém um conjunto de medidas na luta contra o terrorismo. Neste documento figuram preocupações com o terrorismo, a radicalização e o extremismo violento, bem como a ameaça dos combatentes estrangeiros – indivíduos que viajam para outros países para perpetrar ou planejar atos terroristas, ou para dar e/ou receber treino terrorista. Esta preocupação também foi manifestada pela Resolução 2178 (2014) do Conselho de Segurança das Nações Unidas.

A 14 de abril de 2016 é aprovado pelo Parlamento a diretiva europeia relativa ao Registo de Identificação de Passageiros (PNR em Inglês). Este registo permite a recolha, a utilização e o armazenamento sistemático dos dados dos passageiros. Os dados provenientes Registo de Identificação de Passageiros só podem ser utilizados evitar, detetar, investigar e julgar na luta contra o terrorismo e a criminalidade transnacional grave.

A nível nacional o crime de terrorismo encontra-se previsto e definido no art.º 1.º alínea i) do Código de Processo Penal – Decreto-lei n.º 78/87, de 17 de fevereiro, alterado pela Lei n.º 40-A/2016, de 22 de dezembro: “«Terrorismo» as condutas que integram os crimes de organizações terroristas, terrorismo, terrorismo internacional e financiamento do terrorismo”.

Ainda assim, o crime de terrorismo também se encontra tipificado em legislação avulsa, especificamente, pela Lei n.º 52/2003, de 22 agosto (Lei de combate ao terrorismo – cuja última alteração advém da Lei n.º 60/2015, de 24 de junho). Neste diploma legal a definição do crime de terrorismo resulta da conjugação dos artigos 4.º ou 5.º com o artigo 3.º e/ou com o n.º 1 do artigo 2.º. Este diploma define no seu artigo 3.º equipara a grupo, organização e associação terrorista os agrupamentos de duas ou mais pessoas que agindo em comunhão de esforços levem a cabo os atos previstos nos artigos anteriores.

Desta breve análise de legislação que visa combater o terrorismo nos EUA, na UE e em Portugal verifica-se que o crime de terrorismo ainda é visto como estando associado a redes e associações terroristas. Ainda assim já se verifica preocupação a auto radicalização dos indivíduos que utilizam as Internet e as redes sociais e que sem ligações ou ordens diretas de uma rede terrorista decidem levar a cabo atos de extremismo violento. De acordo com a legislação portuguesa relativa ao terrorismo surge a dúvida de como deve ser encarado um indivíduo que siga todo o percurso de um terrorista *lone wolf* e leve a cabo um ato terrorista. Será punido a título do tipo legal de terrorismo ou será punido como, por exemplo, um homicida que ceifou várias vidas?

No que diz respeito à resposta repressiva, esta tende a ser uma das primeiras respostas que os governos se focam. As democracias ocidentais optam por duas vias de respostas repressivas contra o terrorismo, que se confundem cada vez mais: a via da justiça criminal/penal e a via da guerra (Crelinsten, 1998, 2009).

Na primeira via de luta, o terrorismo é considerado um crime e por isso o papel principal no seu combate é desempenhado pelas forças e serviços de segurança através da produção de prova para que os suspeitos do crime de terrorismo sejam trazidos à justiça. Na segunda via, o papel principal é desempenhado pelas forças armadas, uma vez que o terrorismo é visto como um ato de guerra e tem de ser combatido de acordo com as regras da guerra (Crelinsten, 1998), através operações encobertas ou de ataques preemptivos.

No caso do terrorismo por *lone wolf*, em que um indivíduo leva a cabo um ato de violência extremista por si próprio sem a direção e apoio de uma rede terroristas alargada e, muitas vezes é desconhecido das forças e serviços de segurança, não parece viável uma resposta militar (Spaaij, 2012). Sabendo que os *lone wolves* muitas vezes interagem com comunidades mais alargadas onde absorvem a ideologia extremista e adquirem justificações morais alternativas que os levam a levar a cabo um atentado terrorista a solo. É às forças e serviços de segurança que cabe a atuação repressiva junto dessas comunidades, quer seja através de ações reativas necessárias à resolução de crimes ou ao aumento da segurança, quer seja pelo policiamento proactivo com vista a prevenção e disrupção de atentados (Crelinsten, 1998). As respostas por parte das polícias incluem a investigação criminal, serviços especializados, manutenção da ordem pública, operações especiais e serviços de inteligência (Martin, 2016).

As forças e serviços de segurança são responsáveis pelo aumento das medidas de segurança de modo a impedir que sejam realizados atentados terroristas. É através de mais e melhores medidas de segurança que se desencorajam lone wolves menos determinados e menos engenhosos (Martin, 2016). Todavia o incremento das medidas de segurança e securitárias não pode, nem deve ser a via a seguir. O medo do terrorismo não deve levar à securitização dos regimes democráticos, por tal ser contrário aos princípios fundamentais de tais regimes. Além disso, o aumento das medidas de segurança que, geralmente, surge após os atentados poderá ter o efeito desencorajador acima descrito. Porém o incremento da segurança para certas categorias de alvos como infraestruturas críticas, figuras oficiais do governo/poder, poderão ter o efeito de desviar o foco dos terroristas para alvos mais frágeis e difíceis de proteger: as pessoas. Tal vai ao encontro

do trabalho de Brandt e Sandler (2010) em que se verificou que a partir da década de 90 do séc. XX, os terroristas alteraram os seus alvos de figuras oficiais e militares para privados e que preferem atacar pessoas em vez de propriedades. Brandt e Sandler (2010) verificaram que tal mudança de foco se deve a três fatores: endurecimento de medidas de segurança de algumas categorias de alvos às custas de decréscimo de segurança das pessoas, o declínio do terrorismo patrocinado por estados e uma mudança de alvos preferenciais por parte dos terroristas. Os terroristas desviaram a atenção dos alvos com mais proteção para os alvos que são mais difíceis de defender, garantem um sucesso logístico maior e publicidade e cabeçalhos nas notícias: as pessoas. Por isso, para Brandt Sandler (2010) há que investir mais em medidas proactivas e preventivas porque proteger as pessoas acarreta um custo incomportável e estas serão sempre um alvo mais exposto/fácil. As conclusões de Brandt e Sandler (2010) ainda que tenham sido feitas sem distinção entre terrorismo por grupo ou organização ou terrorismo lone wolf vão ao encontro das conclusões de Becker (2014): os *lone wolves* são oportunistas fracos e escolhem os seus alvos de acordo com a sua ideologia e de modo a garantir o sucesso operacional, daí que evitem alvos com medidas de segurança elevadas (hard targets), preferindo alvos conhecidos e fáceis de atacar: as pessoas (soft targets).

Outra das medidas das forças e os serviços de segurança é a inteligência, isto é da recolha sistemática de notícias relevantes e da sua transformação de informação que leva a que sejam tomadas decisões. Na luta contraterrorista quer-se que a inteligência seja capaz de prever comportamentos dos terroristas de modo a prevenir e desmantelar ataques terroristas previamente planeados. Todavia, segundo Martin (2016) a previsão da inteligência reunida é de carácter geral, não sendo muito precisa ou útil na indicação da data e/ou local de um ataque terrorista.

Os ataques por *lone wolf* são de difícil previsão e deteção (Bakker & de Graaf, 2010; Bakker & de Graaf, 2011; Ellis et al., 2016; Shone, 2010; Spaaij, 2010, 2012; Striegheer, 2013), mesmo quando se utiliza conhecimento de valor acrescentado proveniente da inteligência. Estas dificuldades devem-se a algumas características dos lone wolves que passamos a descrever.

Os *lone wolves* não atuam num vácuo social, eles tendem a ser isolados e a manter o secretismo do seu ataque quase até ao último momento. Ainda por causa do isolamento, eles tendem a dar poucas pistas/sinais das suas intenções de levar a cabo um ato terrorista. Os *lone wolves* vêm dos mais variados espectros ideológicos e nem sempre é fácil fazer a distinção entre ter uma opinião extremista e radical ou ter a intenção de traduzir a

opinião radical num ato de violência. Por último, os *lone wolves*, usualmente, levam a cabo apenas um atentado e raramente embarcam em campanhas terroristas prolongadas, como tipicamente acontece com o terrorismo de organizações e redes terroristas (Spaaij, 2012).

Apesar de todas as dificuldades e desafios colocados pelo terrorismo por *lone wolf* a inteligência é uma das ferramentas que a luta contraterrorista pode e deve utilizar para fazer face a este tipo de terrorismo.

A fase de planeamento e preparação de um atentado por parte de um *lone wolf* são momentos em que os comportamentos e atividades do terrorista se tornam salientes, logo vulneráveis à monitorização e vigilância das forças e serviços de segurança (Becker, 2014; Kenney, 2010; Spaaij, 2012, 2015; Striegher, 2013). É nesta altura que determinados comportamentos podem ser fontes de informação relevantes para forças e serviços de segurança. Tais comportamentos podem ser a compra de armas ou de grandes quantidades de materiais para fabrico de engenhos explosivos improvisados, ou a participação ativa em sítios da Internet associados a comunidades ou ideologias extremistas e radicais, ou participação em aulas de defesa pessoal, entre outros.

Outra fonte importante para as forças e serviços de segurança reunirem informações e produzirem inteligência são as fontes humanas (HUMINT), que podem ser testemunhas, familiares e amigos, colegas de trabalho, parceiros de negócios. Os membros que constituem as várias comunidades – religiosas, escolares, serviços de saúde, comerciantes – são fontes de inteligência humana valiosas para as forças e serviços de segurança (Alfaro-Gonzalez et al., 2015; Chalk & Rosenau, 2004; Spaaij, 2012, 2015; Striegher, 2013) uma vez que geralmente são os primeiros a dar conta de comportamentos de alerta (Meloy et al., 2012) de que um indivíduo tem intenções de se envolver em atividades relacionadas com o terrorismo. Uma forma eficaz das forças de segurança obterem informações valiosas por parte da comunidade que servem é através do policiamento comunitário (Dunn et al., 2016; Greene, 2006; Newman & Clarke, 2010; Skogan & Hartnett, 1997; Skogan, 2006). Para tal as forças de segurança terão de ser capazes de desenvolver relações de confiança e de cooperação com as comunidades, baseadas no diálogo e na comunicação de modo a que haja uma convergência das perceções de ambos acerca dos problemas de segurança, como por exemplo, terrorismo.

A segurança deve ser entendida como uma responsabilidade de todos e que tem de haver colaboração entre as forças de segurança e todas as forças vivas que compõem a sociedade. É através do diálogo permanente que se compreendem quais as necessidades

de segurança de uma determinada comunidade. É aproveitando as sinergias entre polícias e comunidades que se introduzem programas e se fazem compromissos com estas em que se ensinam grupos de determinadas comunidades (escolar, religiosas, vizinhanças), por exemplo, quais as consequências de um ataque por *lone wolf* e a importância de se reportar atempadamente às autoridades os tais *early signs* (Alfaro-Gonzalez et al., 2015). É através os designados programas de prevenção de extremismo violento¹⁵ que se ensinam os membros das comunidades a reconhecer sinais precoces de radicalização violenta e comunicar às autoridades. Tal nem sempre é fácil, porque as pessoas mais próximas do indivíduo que se radicalizou nem sempre estão dispostas a alertar as autoridades, por ter medo prejudicar a sua relação com o visado (Williams et al., 2016). Noutras situações são as próprias autoridades que não disponibilizam os canais próprios para que os cidadãos façam chegar as informações em tempo útil (Pantucci et al., 2015).

Relativamente à inteligência importa referir a sua importância, no entanto, por si só a inteligência não é a única resposta eficaz na luta contra o terrorismo, quer seja por organização terrorista, quer seja por *lone wolf*. Um combate eficaz contra o terrorismo depende da qualidade da inteligência que é produzida, mas também depende da análise subsequente e seguimento das pistas que essa mesma inteligência produziu (Spaaij, 2012). Ainda assim, segundo Thomson (2007, p. 30), a sorte também desempenha um papel importante na luta contraterrorista e a curto-prazo pode ser igualmente importante na deteção e disrupção de terrorismo *lone wolf*, todavia essa sorte também pode ser um “subproduto de um planeamento sólido e de implementação de políticas adequadas” ao nível da inteligência.

Outro tipo de resposta repressiva consiste na preparação prévia para a emergência e resiliência (Donnermeyer, 2002), porque por mais esforços de deteção e antecipação que existam, não vai ser possível evitar este tipo de ataques. Por isso, segundo Spaaij (2012, p.87) deve-se investir na preparação para a emergência e resiliência para “minimizar o impacto de um ataque e capacitar a sociedade para recuperar”. Num contexto onde a antecipação e a previsão são baixo, como é o caso do terrorismo por *lone wolf*, é importante estar preparado para retomar a atividade o mais rapidamente possível, ou seja, tem a ver com ter “capacidade de lidar com perigos imprevisíveis depois de estes acontecerem e aprender a recuperar/retomar a atividade normal” (Wildavsky, 1988, p. 77). Esta é uma das definições de resiliência, um conceito emergente na sociedade do

¹⁵ Nossa tradução do Inglês *countering violent extremism* (CVE).

risco (Beck, 1992) em que vivemos e que tem assumido um papel importante como ferramenta de gestão do risco e de catástrofes. A capacidade de resiliência de uma comunidade deve ser vista como um todo, isto é, há que aproveitar as capacidades e criatividade dela para fazer face a problemas, como o terrorismo, não focando apenas no aspeto da vulnerabilidade dessas mesmas comunidades (Füredi, 2007).

A luta contra o terrorismo requer uma resposta e ação concertada de várias instituições e atores sociais. As vias legislativas e as vias repressivas apresentadas anteriormente não são, por si só suficientes para um combate eficaz do terrorismo, quer seja de origem grupal, quer seja por *lone wolf*. É aqui que surge a categoria de resposta conciliatória avançada por Spaaij (2012), que podem e devem funcionar em conjunto com as outras categorias de resposta ao terrorismo previamente afloradas. A resposta conciliatória admite estratégias de curto-prazo e estratégias de longo-prazo.

No que concerne às estratégias de curto-prazo estas preconizam que possam ser feitas negociações e cedências às reivindicações imediatas dos terroristas de modo a por fim a um incidente ou campanha terrorista. Certamente que estas negociações só podem ser feitas se as exigências do terrorista forem razoáveis e exequíveis e pesando os custos e riscos de tais negociações com os eventuais benefícios. A título de exemplo, pode ser viável negociar com um terrorista alguma concessão em troca da libertação de reféns ou da sua rendição pacífica (Spaaij, 2012). Claro está que este tipo de estratégia curto prazo traz alguns dilemas e desafios, nomeadamente, nem sempre é possível prever o resultado que daí advém. Tal tipo de negociações e cedências podem dar voz e publicidade ao terrorista – que é muitas vezes um dos seus objetivos: ser ouvido – e pode levar a comportamentos de imitação por parte de outros terroristas (Bakker & de Graaf, 2010; Bakker & de Graaf, 2011).

Uma forma de ultrapassar as desvantagens anteriores é a através de uma estratégia de negociação a longo-prazo. Esta estratégia admite que devem ser levadas reformas sociais e melhoria das condições socioeconómicas, aumento de direitos políticos, reconhecimento governamental de identidades etno-nacionalistas e religiosas, ou o reconhecimento público de certo tipo de queixas (Martin, 2016). Tal é possível porque nem todos os indivíduos que abraçam o terrorismo têm uma retórica de destruição total e muitas vezes podem apresentar críticas sociais legítimas que podem realmente melhorar a sociedade (Demant, Sloodman, Buijs, & Tillie, 2008).

Posto isto, as respostas ao terrorismo devem ter em conta o contexto em que este ocorre, a amplitude e profundidade do apoio que concentra e os fins que pretende atingir.

Mesmo no terrorismo *lone wolf*, as estratégias conciliatórias são importantes porque, embora os *lone wolf* não tenha uma grande base de suporte, cabe aos governos a responsabilidade de cooperarem com as comunidades com vista dando-lhes contra narrativas que reduzam a alienação e a proliferação de ideologias extremistas e radicais (Shone, 2010). Demant et al. (2008) consideram que a ideologia e a procura de significado são dois fatores importantes no processo de radicalização e des-radicalização, todavia salientam a importância de outros fatores como a cultura democrática de abertura, inclusividade e promover oportunidades sociais a todos.

Tendo em conta o carácter idiossincrático dos *lone wolves* cuja ideologia muitas vezes combina queixas pessoais com ideologias extremistas pré-existentes, não existem estratégias conciliatórias de longo-prazo que sirvam a todos os tipos de *lone wolves*.

As estratégias conciliatórias devem andar lado a lado com as estratégias repressivas. É preciso promover e aumentar a segurança, mas sempre dentro do escopo das sociedades democráticas, com o respeito pela lei e pela dignidade e liberdade dos cidadãos que pretende proteger.

Após todo este percurso de revisão da literatura com vista a compreensão dos designados terroristas *lone wolf* e do seu percurso transformativo que culmina com a face visível que é o ataque terrorista. Conhecer esta tipologia de ataque terrorista é importante na medida que é através do conhecimento que se podem gerar respostas de modo a fazer face a este tipo de ameaça. Tal nos leva à pergunta: afinal o que é que sabemos acerca dos *lone wolves*?

Capítulo III – A FACE VISÍVEL DO TERRORISMO POR *LONE WOLF*

Todo o nosso trabalho até aqui surge da observação do quotidiano em que verificámos com alguma frequência nos meios de comunicação social ataques terroristas perpetrados um pouco por todo o mundo. Talvez por uma questão de proximidade geográfica e cultural a nossa atenção foca-se mais no problema dos ataques terroristas que ocorrem no mundo Ocidental, em países como França, Bélgica, Holanda, Inglaterra, Alemanha, Espanha e Estados Unidos da América. Dos ataques terroristas que têm ocorrido no Ocidente interessa-nos aqueles que em que indivíduos, sem a direção e coordenação de qualquer rede ou organização terrorista, levam a cabo ataques utilizando diferentes tipos de armas contra civis, com vista alcançar um objetivo baseado na sua ideologia. Estes indivíduos são os designados *lone wolves* ou atores solitários¹⁶. A imprevisibilidade e a dificuldade de deteção e identificação seja caraterístico deste tipo de ataques, pelo facto de o indivíduo agir sozinho, faz com que este seja um evento do tipo *cisne negro*. Ou seja, um evento aparentemente altamente improvável, mas que acontece e quando se verificam as circunstâncias antecedentes verifica-se que afinal estavam reunidos os pressupostos que levariam àquele desenlace.

O ataque perpetrado por um terrorista *lone wolf* é apenas a face visível de profundas transformações no interior de uma pessoa. É a parte visível de um icebergue de um percurso mais ou menos longo que implica alterações do modo de funcionamento cognitivo e comportamental, que muitas vezes passam despercebidos às pessoas mais próximas (amigos, família, colegas, professores). Também passam despercebidos às forças e serviços de segurança e aos serviços de inteligência. Estes não podem (nem devem) vigiar todos os cidadãos, a toda a hora. Não é exequível, nem é aceitável numa sociedade que se quer democrática, que preza a liberdade e respeita os seus cidadãos.

Posto isto, da nossa revisão da literatura acerca da temática do terrorismo *lone wolf*, o que sabemos acerca desses indivíduos?

¹⁶ Nossa tradução do Inglês *lone actor*.

1. O exemplo do ataque de Anders Breivik

Para respondermos a esta pergunta vamos utilizar o caso do atentado terrorista perpetrado por Anders Behring Breivik. O ataque de Breivik, a 22 de julho de 2011, na Noruega, vitimou 77 pessoas: 8 morreram numa explosão no centro da capital norueguesa e 69 num tiroteio na Ilha de Utoya.

O caso de Breivik foi por nós escolhido por diversas razões. Primeiro, é um caso que já ocorreu há quase 6 anos, pelo que já existe alguma literatura e algum conhecimento acerca do caso. Segundo, o caso mostrou o perigo e os danos que um indivíduo sozinho pode fazer e chamou a atenção para as autoridades para tal (Pantucci, 2011b; Spaaij, 2012). Terceiro, o caso demonstra que, apesar de haver uma preocupação com a ameaça terrorista de inspiração religiosa, mais concretamente, a *jihadista*, não se pode descurar a preocupação com o extremismo violento de direita (Ellis et al., 2016). Por último, o estudo de caso do ataque de Breivik, poderá ser uma abordagem qualitativa adequada a este tipo de casos, pois permite conhecer a sequência das trajetórias de vida que conduziram ao terrorismo. Além disso, este tipo de abordagem é a base da construção teórica indutiva que serve de complemento ao raciocínio dedutivo dominante no estudo do terrorismo *lone wolf* (Spaaij & Hamm, 2015b). Este tipo de abordagem assenta, maioritariamente, em fontes de informação secundárias existentes em fontes abertas. Estas podem ser muito diversas como, por exemplo, documentos governamentais e dos tribunais, avaliações psiquiátricas, notícias dos vários órgãos de comunicação social. Também podem ser utilizados dados provenientes do próprio terrorista, como declarações públicas, manifestos escritos, blogs e fóruns e outras produções em redes sociais utilizadas para comunicar com audiências. Para um *lone wolf* é importante comunicar os seus pontos de vista ideológicos a audiências mais vastas de modo a justificar o seu uso da violência e, quiçá, inspirar outros a seguirem os seus passos (Pantucci, 2011b; Simon, 2013; Weimann, 2012). Todavia o conhecimento proveniente das fontes acima mencionadas, especialmente toda a produção que constitui a pegada digital, pode ser analisado através de técnicas de etnografia virtual (Hine, 2000). Porém, este conhecimento tem de ser complementado com informações provenientes de outras fontes, como por exemplo, entrevistas com o próprio *lone wolf*, familiares, amigos, namoradas, pessoal das forças e serviços de segurança (Spaaij & Hamm, 2015b).

Posto isto, interessa então perceber qual o percurso percorrido por Anders Breivik até culminar no ato de terror de 22 de julho de 2011.

Segundo Pantucci (2011b), a análise do caso de Breivik, por ter sido um indivíduo eficiente, pode ser útil e importante para a prevenção futura deste tipo de ataques. Este autor analisou o manifesto que Breivik (2011) publicou *online* momentos antes de levar a cabo o atentado e cruzou-o com fontes abertas – essencialmente notícias publicadas em órgãos de comunicação social contendo relatos de familiares e conhecidos de Breivik.

A nível biográfico sabe-se que ele nasceu em 1979, em Londres e que era filho de um funcionário da Embaixada Norueguesa em Londres e de uma enfermeira. Um ano após o seu nascimento os pais separam-se e ele vai viver com a mãe na Noruega. A partir dos 15-16 anos afastou-se do pai por este não concordar com algumas coisas da sua vida como o interesse pelo *graffiti*. Anos mais tarde tentou retomar o contato com o pai mas tal acabou por não suceder.

Breivik descreve-se a si próprio, aquando da adolescência, como sendo popular e ligado ao movimento do *hip hop* e *graffiti*, o que segundo ele lhe valeu um encontro com a polícia e um posterior trabalho comunitário. Tal é desmentido por alguns amigos que dizem que ele não é popular e que não cumpriu serviço comunitário porque denunciou os amigos à polícia. É ainda na adolescência que diz ter conhecido um amigo Muçulmano de nome Arsalan e que este, sem razão aparente, pediu a outro amigo para bater-lhe. Este acontecimento terá tido um efeito desconcertante na mente de Breivik. Foi também na adolescência revelou interesse pela política juntando-se ao *Progress Party Youth Association*. Este partido tinha ideologia anti-imigração e de mercado livre, ainda assim, Breivik desinteressou-se da política por achar que os partidos políticos eram incapazes de travar a *islamização* e o multiculturalismo da Europa. Além disso, a participação da Noruega nos bombardeamentos da NATO à Sérvia em 1999 foi um acontecimento que levou a uma mudança no seu interior. Breivik ainda tentou continuar na política e alega que concorreu a um cargo político na Câmara Municipal de Oslo, pelo Partido do Progresso de Oslo¹⁷.

Por volta do ano 2000 decide o que fazer da sua vida do ponto de vista ideológico e inicia negócios de modo a poder financiar o seu projeto. O projeto refere-se ao seu manifesto e mais tarde ao atentado.

De 2006 até ao atentado ele foi viver com a mãe com o intuito de poupar algum dinheiro e descreve mais tarde no seu manifesto as suas críticas relativas à falta de moralidade da mãe e irmã.

¹⁷ Do Inglês *Oslo Progress Party*.

No outono intensifica a sua atividade de escrita do manifesto e descreve estar a passar por uma fase de mudança. É um período de maior isolamento descrito pela mãe como um período de obsessão relativamente a assuntos relacionados com política e história associados a uma panóplia de vários comportamentos paranoides até a data do ataque.

De um modo geral, Breivik comportou-se como um qualquer outro jovem norueguês que a certa altura se desviou.

Importa agora perceber a forma como o processo de radicalização foi acontecendo com Breivik. A certa altura da sua vida Breivik parece aderir a uma ideologia de extrema-direita que se designa de *contra jihad*¹⁸, que é defendida por alguns intelectuais. Segundo o manifesto de Breivik é possível perceber que ele se vê como um Cruzado, um Cavaleiro Templário que tem um papel importante na luta entre o mundo Ocidental e o Islão. Tal ideologia corresponde a uma visão macro nacionalista extrema, em que usualmente os seus seguidores percecionam um ataque aos seus e tomam o direito de defesa dos mesmos (Spaaij, 2012). Além disso, Breivik combina a ideologia anterior com queixas pessoais relacionadas com experiências negativas, reais ou percecionadas, pessoais ou de outros com elementos das comunidades imigrantes muçulmanas. Todo este lote de experiências conduziram a um processo de transformação em Breivik, em que este não acredita que a política tradicional e assume a responsabilidade da defesa do Mundo Ocidental e da Noruega contra o perigo crescente da islamização.

As experiências negativas que Breivik teve com imigrantes de origem muçulmana e o ataque da NATO à Sérvia em 1999 são acontecimentos importantes que ajudam a explicar o processo de radicalização que vão ao encontro da teoria da radicalização por aprendizagem transformadora (Dafnos, 2013; Dubouloz et al., 2010; Mezirow, 1997; Wilner & Dubouloz, 2011), em que há todo um processo de aprendizagem e de reorganização cognitiva e emocional que leva a uma mudança na maneira de pensar e de agir da pessoa. A radicalização de Breivik também pode ser vista à luz do trabalho desenvolvido por McCauley e Moskalenko (2014), em que existe tanto uma radicalização de opinião, quando Breivik se vê como alguém que tem a obrigação moral de defender o Ocidente das “hordas de Muçulmanos”. Também existe uma radicalização de ação na medida em que ele avocou a responsabilidade de agir de forma violenta para impedir a islamização da Europa.

¹⁸ Do Inglês *counterjihad*.

Todo este processo de radicalização foi longo e gradual e foi acompanhado de um grande nível de planeamento racional por parte de Breivik que foi descrito por ele no seu manifesto de 1571 páginas.

Breivik utilizou de forma intensiva a Internet e algumas redes sociais ou fóruns de modo a contactar com indivíduos que perfilhavam os seus ideais anti-imigração e anti-islamização. Foi no mundo virtual que trocou ideias e até se inspirou com um utilizador com *alias* de *Fjordman*¹⁹. Foi também através da Internet que pesquisou formas de obter materiais e informação que permitissem levar a cabo o seu ataque terrorista, nomeadamente, aprendizagem de fabrico caseiro de explosivos e onde obter materiais para o fabrico desses explosivos. Recordamos que a explosão que Breivik provocou no centro de Oslo foi feita através de explosivo improvisado à base de ANFO²⁰. Para tal, Breivik teve de comprar grandes quantidades de fertilizantes e utilizou como *cover story* para a compra de tais quantidades para produção de beterrabas – cultura que necessita de muito fertilizante. Uma compra de fertilizantes na Polónia em 2011 terá alertado os serviços de inteligência noruegueses, todavia tal não suscitou interesse suficiente para que procedessem a mais investigações. Quanto à arma de fogo que foi utilizada no tiroteio na Ilha de Utoya, Breivik refere que tentou comprar a mesma na República Checa, mas acabou por adquirir uma arma de fogo na Noruega e de acordo com os preceitos legais daquele país. O uso de explosivos e de arma de fogo por parte de Breivik estão consonantes com os estudos de Spaaij (2010, 2012) e mostram que um indivíduo resoluto e metódico pode levar a cabo um ataque terrorista e fazer um grande número de vítimas, mesmo sem ter experiência militar prévia (Ellis et al., 2016).

Relativamente a alterações de comportamento que possam constituir motivo de alerta (Ellis & Pantucci, 2016; Gill et al., 2014; Meloy et al., 2012; O'Toole, 2000) que Breivik possa ter manifestado externamente refira-se o comportamento de fixação, que segundo a mãe passou a manifestar interesse exagerado em assuntos de política e de história. Também se pode verificar algum comportamento de identificação, como por exemplo, foto de Anders Breivik a apontar uma arma automática para a fotografia, antes de levar a cabo o ataque em Oslo e na Ilha de Utoya, em 2011, o que remete para a mentalidade de “pseudo-comando” ou de guerreiro (Dietz, 1986; Knoll, 2010; Meloy et al., 2001). No que diz respeito ao comportamento de *leakage* existe o facto de Breivik ter

¹⁹ Homem dos Fiordes.

²⁰ Sigla do Inglês *Ammonium Nitrate/Fuel Oil*. Consiste numa mistura de nitrato de amónio poroso com gasóleo.

disponibilizado *online* o seu manifesto, com o intuito de dar a conhecer toda a sua ideologia, percurso e planeamento que culminou no ataque. A difusão do manifesto *online* também teve a intenção de que outros se inspirassem por ele e seguissem o manifesto como um guia para levarem a cabo atentados sozinhos.

Como se pode verificar, o caso de Breivik é o típico caso de terrorismo *lone wolf*. De alguém suficientemente motivado, metódico e frio para levar a cabo um atentado de sucesso e infligindo um número significativo de baixas. O caso de Breivik também é um arquétipo do que é um *lone wolf* dos tempos modernos, de alguém que constitui um desafio para as autoridades a nível da deteção e identificação, porque consegue furtar-se a essas mesmas autoridades e passar despercebido até ao momento do atentado.

O caso de Breivik também nos faz pensar que havia várias oportunidades de deteção, nomeadamente, a sua grande utilização da Internet como forma de adquirir conhecimento e materiais e ainda a sua participação ativa em fóruns e *sites* de extremismo de direita e de *contra-jihadismo* – embora Breivik apregoasse que tinha muito cuidado em cobrir a sua pegada *online*. Ainda assim, nota-se que as autoridades norueguesas não estavam particularmente atentas com a monitorização de *sites* de conteúdos extremistas. Outra oportunidade surgiu aquando da sua compra de fertilizante que foi detetado pelas autoridades, mas não haviam mais indícios que justificassem um aprofundar da investigação.

Importa salientar para a falta de consciência pública no que concerne aos sinais de alerta de radicalização ou de extremismo violento. Por exemplo, os amigos mais próximos de Breivik não notaram o crescente afastamento e isolamento do mesmo, nem se aperceberam de alterações comportamentais que pudessem indicar uma visão extremista e radical e um prenúncio de ação violenta.

Claro que o caso de Breivik teve repercussões na sociedade norueguesa e levou a que as autoridades fizessem uma avaliação do que se passou para combater fenómenos de radicalização violenta como, por exemplo, o *Action Plan Against Radicalisation and Violent Extremism*. Este plano que foi assinado por vários ministérios do Governo Norueguês e pretende consciencializar toda para o perigo do extremismo violento e para a importância da deteção precoce (Norwegian Ministry of Justice and Public Security, 2014).

O caso de Breivik é aquilo que se pode designar, na nossa opinião, como um caso típico de terrorismo cometido por *lone wolf* e teve o condão de alertar a Europa e o Mundo

para o perigo que podem constituir e da necessidade de tomar medidas preventivas e reativas.

CONCLUSÕES

A ideia da presente investigação partiu da constatação da emergência de novas formas de terrorismo, entre elas a que resulta da atuação dos chamados *lone wolves*.

O principal objetivo do presente trabalho foi o de aumentar o nosso conhecimento acerca deste fenómeno terrorista e sobre o percurso que é feito por alguém que adota uma visão radical e extremista, planeia e decide traduzir essa visão numa ação violenta. Este indivíduo faz isso tudo sem se encontrar submetido hierarquicamente a uma organização ou rede terrorista mais ampla. Realizámos uma revisão da literatura para aumentar o nosso conhecimento acerca do fenómeno, foi através do recurso a literatura em que explorámos bibliografia disponível na área em apreço.

O terrorismo constitui uma ameaça global e difusa que afeta, ou tem potencial para afetar todos os países. O custo do terrorismo é económico, social, pessoal e psicológico. Destrói bens, ceifa vidas e, como o próprio nome indica, gera terror, restringe liberdade das pessoas, dos governos e dos países, utilizando a violência para atingir os seus objetivos sociais, políticos ou religiosos.

Verificámos que existe uma preocupação crescente com a ameaça terrorista perpetrada pelos acima designados *lone wolf*. Trata-se de uma configuração socialmente construída, um quase arquétipo, com o qual se identificam ações de natureza terrorista cuja responsabilidade de execução cabe a alguém individualmente. Os terroristas *lone wolf* constituem um desafio à segurança pública pela dificuldade de deteção, identificação, o que muitas vezes só acontece depois de o ato terrorista ocorrer.

Esta dificuldade de deteção deve-se a vários fatores. Pelo facto de agirem de forma isolada, sem o controlo e direção hierárquica de um grupo ou rede terrorista, os *lone wolves* conseguem evitar a deteção conseguida pelos esforços contraterroristas tradicionais que frequentemente se centram na disrupção de atentados terroristas planeados por organizações terroristas. Neste ponto importa salientar que após o ataque nos EUA a 11 de setembro de 2001, houve um grande reforço da “guerra ao terror”²¹, i.e. contra as organizações terroristas. Esta poderá ser uma possível explicação para o recurso à resistência sem líder, como forma de evitar a ação repressiva das forças e serviços de segurança. Daí que se tenha assistido, a uma apologia, por diversas organizações terroristas, independentemente da ideologia subjacente, pelo recurso à resistência sem

²¹ A conhecida expressão do Presidente dos EUA George W. Bush: *war on terror*.

liderança. Importa referir que a resistência sem líder não é um fenómeno propriamente novo - pelo menos no séc. XIX os movimentos anarquistas já defendiam o seu recurso.

Posteriormente, verificámos que o conceito de terrorismo *lone wolf* é um conceito contestado e que existem algumas discordâncias relativamente à sua definição. Achamos que as definições mais restritas do conceito são as que melhor o caracterizam. Referimo-nos às que advogam que deve ser um só indivíduo, que decide perpetrar um ato de violência política, sem estar dependente do comando e hierarquia de uma organização terrorista (Bakker & de Graaf, 2011; Becker, 2014; Burton & Stewart, 2008; Spaaij, 2012). Não colocamos de parte que também existam fenómenos em que pequenos grupos de indivíduos levem a cabo ataques terroristas sem direção ou dependência hierárquica de uma organização terrorista. Ainda que estes grupos utilizem a doutrina da resistência sem líder (Ellis et al., 2016), não poderão ser considerados *lone wolves* na aceção aceite nesta dissertação. Mas são, sem qualquer margem de dúvida, um fenómeno digno de mais investigação.

Relativamente à caracterização dos indivíduos que protagonizam este tipo de ações terroristas (*lone wolf*) pudemos verificar que não existe um perfil típico, ou seja eles podem provir de vários contextos socioeconómicos, inspirarem-se num vasto leque de ideologias extremistas, chegando mesmo a combiná-las com as suas próprias razões e circunstâncias pessoais. Da literatura que nos serviu de apoio retira-se que a idade dos *lone wolves* é, tendencialmente, mais elevada do que a idade dos indivíduos associados a organizações terroristas e que não provêm de meios socioeconómicos e educacionais desfavorecidos (Alfaro-Gonzalez et al., 2015; Gill et al., 2014; Spaaij, 2012).

No que diz respeito à prevalência e *modus operandi* verificámos que o fenómeno de terrorismo *lone wolf* ainda é um fenómeno com uma prevalência baixa, representando uma fatia estatisticamente insignificante do total dos ataques terroristas. Todavia os dados sugerem que tem havido uma tendência de crescimento deste tipo de ataque. Os dados dos estudos consultados também sugerem que os ataques por *lone wolf* não apresentam uma letalidade elevada quando comparada com o terrorismo de organizações. Tal pode ser explicado pela falta de recursos materiais e de capacidades táticas e operacionais dos *lone wolves*. A falta de apoio de uma organização terrorista também pode ter o seu peso neste aspeto. Convém ter em mente que alguns terroristas *lone wolf* conseguem ter eficácia operacional e provocam um grande número de vítimas, como foi o caso de Anders Breivik e, aparentemente, o caso de Mohamed Lahouaiej Bouhlel, que a 14 de julho de 2016 atropelou e matou várias pessoas com um camião em Nice, França.

Prontamente o atentado foi reivindicado pelo Estado Islâmico. Esta reivindicação poderá ser uma forma do Estado Islâmico estar a fazer propaganda dos seus feitos. Nada nos garante que Bouhlel dependesse hierarquicamente daquela rede terrorista.

Numa sociedade em rede e globalizada como a nossa um ataque por *lone wolf* que faça poucas vítimas consegue cumprir o objetivo principal: gerar o medo. A mediatização que é dada à causa permite uma amplificação desse fator medo e, quiçá, inspirar outros a que sigam o seu exemplo. Também servem aos interesses e objetivos das organizações terroristas que, não raras vezes, louvam o ato heróico e o contributo do *lone wolf* para a causa. Daí que se possa concluir que a diferente natureza, sofisticação e quantidade de recursos acabem por ser critérios pouco diferenciadores para a distinção entre os atos isolados perpetrados por indivíduos isoladamente e aqueles que resultam de ações preparadas e acometidas sob a égide de organizações terroristas. Porventura, nesta fase histórica do terrorismo mundial, o critério diferenciador entre as ações caracterizáveis como realizadas por *lone wolves* e aquelas da responsabilidade de organizações terroristas seja o da frequência com que são realizadas. Mas sublinhamos que pode ser uma diferença decorrente de uma diferente fase de evolução deste tipo de atos terroristas.

Existe também um consenso generalizado na literatura que os terroristas *lone wolf* utilizam armas de fogo e escolhem preferencialmente alvos civis (Alfaro-Gonzalez et al., 2015; Becker, 2014; Ellis et al., 2016; Palombi & Gomis, 2016; Spaaij, 2012). Tal se deve à relativa facilidade em obterem armas de fogo em alguns países e à dificuldade de sozinhos, terem o conhecimento necessário e o acesso a materiais que permitam a construção de engenhos explosivos – o que se torna mais difícil sem o apoio direto de uma organização terrorista. Quanto à seleção de alvos civis, a fraqueza operacional dos *lone wolves* e a ideologia parecem ser importantes para justificar a escolha deste tipo de alvos.

As referências convocadas acima permitem uma descrição genérica, preliminar do fenómeno do terrorismo *lone wolf*. Contudo, tal descrição exige algumas considerações. O facto de o conceito de *lone wolf* não ter uma definição inequívoca, implica que alguns dos estudos que nos serviram de apoio tenham definições diferentes entre si e tais diferenças não permitem uma comparação entre os mesmos e a retirada de conclusões consensuais. Se de um ponto de vista do trabalho científico a ausência de consenso, e a dissensão como estímulo, podem ser estimulantes, de um ponto de vista do trabalho policial as consequências não serão tão animadoras. Outro reparo está relacionado com o facto de como é um fenómeno relativamente raro, o ato terrorista do tipo *lone wolf* ainda

não gerou um volume de dados que permitam ter um maior conhecimento do fenómeno. Por fim, e como consequência, a investigação científica acerca dos *lone wolves* ainda se baseia em dados fornecidos por bases de dados e em pesquisas de fontes abertas. O cruzamento das bases de de dados (GTD) bem como a opção por complementar a investigação científica recorrendo a informações prestadas diretamente por *lone wolves* e pessoas próximas destes (amigos, família, colegas) trariam mais-valias relevantes. As limitações aqui apresentadas são extensíveis ao nosso trabalho

Debruçando-nos acerca dos aspetos que são comuns aos terroristas *lone wolf* e que podem ser vistos como *early signs* (sinais precoces) que permitem fazer face à imprevisibilidade e às dificuldades de deteção, caberia sistematizar as seguintes ideias:

1. Um dos aspetos que sugere grandes interrogações e algumas perplexidades relaciona-se com o processo de radicalização por que passam os terroristas, quer sejam *lone wolf*, quer sejam de organizações terroristas. O conhecimento do processo de radicalização importa na medida em que permite saber que tipo de acontecimentos levam a que alguém altere cognições e comportamentos de tal modo que esteja disposto a utilizar a violência contra terceiros para fazer valer a sua visão extremista.
2. O processo de radicalização consiste numa aprendizagem pessoal e interpessoal, na qual, para se atingirem objetivos associados a uma determinada ideologia se recorre, não obrigatoriamente mas com elevada probabilidade, à violência. Esta nova aprendizagem pode ser despoletada por um momento de crise em que uma reavaliação da decisão de agir se torna imperativa e vem a determinar ações subsequentes. Um indivíduo pode ter ideais, crenças e pensamentos extremistas e até defender o uso da violência para atingir esses objetivos, porém, não é condição suficiente para ele próprio avocar o uso dessa violência. É necessário que outros fatores criem oportunidades ou sugiram, inevitavelmente, a ação violenta como, por exemplo, a depressão, experiência com uso de armas e o *unfreezing*.
3. Os *lone wolves* utilizam com bastante frequência a Internet e os seus fóruns e redes sociais, para contactar com indivíduos com crenças e ideologias semelhantes, em que podem desenvolver ainda mais as suas ideologias extremistas e prosseguir o seu processo de radicalização. Também o uso da internet permite acesso a manuais de treino e aprendizagem de manufatura de explosivos, utilizando materiais de aquisição não restritiva. Estes manuais são

muitas vezes difundidos pelas próprias organizações terroristas, que também são ativas e prolíficas na disseminação de material radical. Além disso, a literatura sugere que os *lone wolf* tendem a distribuir *online*, em data anterior ao ataque, cartas, manifestos, publicações em fóruns virtuais das suas crenças e ideologias. A frequência e participação ativa em fóruns virtuais constitui uma oportunidade de identificação e detecção por parte das forças e serviços de segurança e de inteligência, uma vez que começam a aparecer ferramentas semiautomáticas como *data mining*, reconhecimento dos autores e análise de sentimentos (Brynielsson et al., 2013; Cohen et al., 2014)

4. Ainda que a inteligência proveniente da monitorização e vigilância de certos fóruns virtuais possa ser reforçada (embora com limites legais que conviria definir e limites tecnológicos de que é preciso tomar consciência), a mesma deve ser complementada por outras fontes de informação. Referimo-nos a fontes de inteligência humana (HUMINT), que muitas vezes dão informações relevantes para a identificar e impedir que alguém leve a cabo um atentado terrorista. Isto porque muitas vezes os *lone wolf* manifestam alterações de comportamento relevantes e são as pessoas mais próximas deles (família, amigos, colegas, vizinhos) quem estão em melhor posição para detetar estas alterações. O grande desafio consiste na promoção do aumento da consciência das pessoas em geral para as alterações de comportamento que podem indicar sinais de extremismo violento e criar formas canais de comunicação de modo a que cheguem às autoridades em tempo útil. É aqui que nos parece que tem importância o policiamento comunitário, baseado na confiança, comunicação e estabelecimento de sinergias com as populações e as forças vivas de determinada comunidade.

Apesar do terrorismo *lone wolf* constituir um desafio para as autoridades pela sua dificuldade de detecção, existem alguns aspetos que podem ser explorados pelas entidades com competência legal para investigar, nomeadamente as fraquezas operacionais, monitorizando *sites* e fóruns extremistas, desenvolvendo parcerias com as comunidades de modo a que estejam atentas e dispostas a relatar sinais precoces de extremismo violento.

Importa ainda admitir que o terrorismo com recurso à resistência sem líder irá continuar a acontecer e que por mais medidas legais que sejam implementadas – de

pendor mais ou menos securitário – haverá sempre quem passe na malha de detecção e consiga concluir com sucesso um atentado terrorista deste tipo. A resposta terá de ser sempre a da via democrática, no respeito pelas liberdades dos cidadãos. Terá de ser uma resposta global e em conjunto com as populações, comunidades, forças de segurança e terá de ser concertada a nível macro com outros países e organizações.

Por último consideramos ter atingido o objetivo principal do trabalho e termos traçado um retrato sistematizado (em construção) do que é um terrorista *lone wolf*. Porém este é um trabalho inicial de caracterização, compreensão e conhecimento do fenómeno e como tal deixa abertas muitas outras questões. Consideramos que será importante a realização de trabalhos futuros que abordem e aprofundem o processo de radicalização e trabalhos que analisem os diversos programas que existem relativamente à prevenção do extremismo violento e se possível avaliar o impacto e eficácia dos mesmos. Outra possível investigação será a de perceber como pode ser aumentada a resiliência das comunidades aos ataques terroristas por *lone wolf*, temática que afluamos mas consideramos ser possível aprofundar. São reconhecidas algumas limitações do nosso trabalho. Primeiro, é um trabalho que, por dificuldades compreensíveis de acessibilidade – cárcere, morte ou anonimato - não pode contar com os contributos diretos provenientes de terroristas *lone wolf*. Em segundo lugar, não é fácil, por motivos legais, o acesso a processos criminais/policiais de *lone wolves*. Ou então o acesso ao trabalho que os serviços de inteligência têm feito nesse campo. Posto isto, o material disponível encontra-se para caracterizar o fenómeno encontra-se na literatura científica, bases de dados com a GTD, ou notícias veiculadas nos órgãos de comunicação social e/ou redes sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abbasi, A., Chen, H., Thoms, S., & Fu, T. (2008). Affect Analysis of Web Forums and Blogs Using Correlation Ensembles. *IEEE Transactions on Knowledge and Data Engineering*, 20(9), 1168–1180. <https://doi.org/10.1109/TKDE.2008.51>
- Alfaro-Gonzalez, L., Barthelmes, R., Bartol, C., Boyden, M., Calderwood, T., Doyle, D., ... Yee, K. (2015). *Report: Lone Wolf Terrorism*. Georgetown University.
- Al-Suri, A. M. (2012). The Jihadi Experiences: The Most Important Enemy Targets Aimed at by the Individual. *Inspire*, Winter 1433(9), 23–24.
- American Civil Liberties Union. (2009). Reclaiming patriotism: a call to reconsider the patriot act. ACLU. Obtido de https://www.aclu.org/files/pdfs/safefree/patriot_report_20090310.pdf
- Bakker, E. (2006). *Jihadi terrorists in Europe: their characteristics and the circumstances in which they joined the jihad ; an exploratory study*. Den Haag: Clingendael.
- Bakker, E., & de Graaf, B. (2010). *Lone Wolves How to Prevent this Phenomenon?* The Hague: International Center for the Counter-Terrorism. Obtido de https://www.researchgate.net/profile/Bakker_Edwin/publication/278157640_Lone_Wolfs/links/557c64ba08ae26eada8c9d94.pdf
- Bakunin, M. (1870). *Letters to a Frenchman on the present crisis*. S. Dolgoff, Ed. & Trans. 1971. Retrieved from <http://www.marxists.org/reference/archive/bakunin/index.htm>
- Bartlett, J., & Miller, C. (2012). The Edge of Violence: Towards Telling the Difference Between Violent and Non-Violent Radicalization. *Terrorism and Political Violence*, 24(1), 1–21. <https://doi.org/10.1080/09546553.2011.594923>
- Bates, R. A. (2012). Dancing with wolves: Today's lone wolf terrorists. *The Journal of Public and Professional Sociology*, 4(1), 1.

- Bazan, E. B. (2004). Intelligence Reform and Terrorism Prevention Act of 2004: « Lone Wolf» Amendment to the Foreign Intelligence Surveillance Act. DTIC Document. Obtido de <http://oai.dtic.mil/oai/oai?verb=getRecord&metadataPrefix=html&identifier=ADA448016>
- Beam, L. (1992). Leaderless resistance. *The Seditonist*, 12, 12–18.
- Beck, U. (1992). *Risk society: towards a new modernity*. London ; Newbury Park, Calif: Sage Publications.
- Becker, M. (2014). Explaining Lone Wolf Target Selection in the United States. *Studies in Conflict & Terrorism*, 37(11), 959–978.
<https://doi.org/10.1080/1057610X.2014.952261>
- Becker, M. (2016). A Response to «Key Issues and Research Agendas in Lone Wolf Terrorism». *Studies in Conflict & Terrorism*, 39(5), 472–476.
<https://doi.org/10.1080/1057610X.2016.1144946>
- Berg, B. L. (2001). *Qualitative research methods for the social sciences* (4th ed). Boston: Allyn and Bacon.
- Bloem, J., van Doorn, M., Duivestijn, S., Excoffier, D., Maas, R., & van Ommeren, E. (2014). The Fourth Industrial Revolution. *Things to Tighten the*. Obtido de <http://www.sogeti-hightech.fr/globalassets/global/special/sogeti-things3en.pdf>
- Bolz Jr, F., Dudonis, K. J., & Schulz, D. P. (2016). *The counterterrorism handbook: Tactics, procedures, and techniques*. CRC Press. Obtido de <http://books.google.com/books?hl=en&lr=&id=BnPRBQAAQBAJ&oi=fnd&pg=PP1&dq=%22Tread+and+Tire+Track+Evidence:+Recovery+and+Forensic%22+%22Raton+London+New%22+%22claim+to+original+U.S.+Government%22+%22Bolz,+Jr.,+Kenneth+J.+Dudonis,+David+P.%22+%22in+the+United+States+of+America+on+acid-free%22+&ots=4dX6NeRrgv&sig=nseU5ANkQrdzdx9Mm5n0K3R1IYk>

- Brandt, P. T., & Sandler, T. (2010). What do transnational terrorists target? Has it changed? Are we safer? *Journal of Conflict Resolution*, 54(2), 214–236.
<https://doi.org/10.1177/0022002709355437>
- Brantingham, P. L., & Brantingham, P. J. (1993). Nodes, paths and edges: Considerations on the complexity of crime and the physical environment. *Journal of Environmental Psychology*, 13(1), 3–28.
- Breivik, A. (2011). 2083: A European declaration of Independence. Obtido de <https://www.washingtonpost.com/r/2010-2019/WashingtonPost/2011/07/24/National-Politics/Graphics/2083+-+A+European+Declaration+of+Independence.pdf>
- Brynielsson, J., Horndahl, A., Johansson, F., Kaati, L., Martenson, C., & Svenson, P. (2013). Harvesting and analysis of weak signals for detecting lone wolf terrorists. *Security Informatics*, 2(1), 11.
- Burton, F., & Stewart, S. (2008, Janeiro 30). The «Lone Wolf» Disconnect. Obtido 21 de Setembro de 2016, de https://www.stratfor.com/weekly/lone_wolf_disconnect
- Castells, M. (2010). *The rise of the network society* (2nd ed., with a new pref). Chichester, West Sussex ; Malden, MA: Wiley-Blackwell.
- Chalk, P., & Rosenau, W. (2004). *Confronting «the enemy within»: security intelligence, the police, and counterterrorism in four democracies*. Santa Monica, CA: RAND Corp.
- Cohen, K., Johansson, F., Kaati, L., & Mork, J. C. (2014). Detecting Linguistic Markers for Radical Violence in Social Media. *Terrorism and Political Violence*, 26(1), 246–256.
<https://doi.org/10.1080/09546553.2014.849948>
- Coutinho, C. (2014). *Metodologia de investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e prática*. Coimbra: Almedina.
- Crelinsten, R. D. (1998). The discourse and practice of counter-terrorism in liberal democracies. *Australian Journal of Politics and History*, 44(1), 389–413.

- Crelinsten, R. D. (2009). *Counterterrorism*. Cambridge: Polity.
- Dafnos, A. (2013). Lone Wolf Terrorism as Category: Learning from the Breivik Case. *Journal Exit-Deutschland. Zeitschrift für Deradikalisierung und demokratische Kultur*, 3, 96–114.
- Danzell, O. E., & Maisonet Montañez, L. M. (2016). Understanding the lone wolf terror phenomena: assessing current profiles. *Behavioral Sciences of Terrorism and Political Aggression*, 8(2), 135–159. <https://doi.org/10.1080/19434472.2015.1070189>
- Demant, F., Sloodman, M., Buijs, F., & Tillie, J. (2008). *Decline and disengagement: An analysis of processes of deradicalisation*. Amsterdam: IMES. Obtido de <http://dare.uva.nl/document/337309?type=Finjan-Download&slot=00000342&id=00000741&location=0A64420>
- Dietz, P. E. (1986). Mass, serial, and sensational homicides. *Bulletin of the New York Academy of Medicine*, 62(5), 477–491.
- Donnermeyer, J. F. (2002). Local Preparedness for Terrorism: A View from Law Enforcement. *Police Practice and Research*, 3(4), 347–360. <https://doi.org/10.1080/1561426022000032105>
- Dubouloz, C. J., King, J., Ashe, B., Paterson, B., Chevrier, J., Moldoveanu, M., & others. (2010). The process of transformation in rehabilitation: what does it look like. *International Journal of Therapy and Rehabilitation*, 17(11), 604–615.
- Dunn, K. M., Atie, R., Kennedy, M., Ali, J. A., O'Reilly, J., & Rogerson, L. (2016). Can you use community policing for counter terrorism? Evidence from NSW, Australia. *Police Practice and Research*, 17(3), 196–211. <https://doi.org/10.1080/15614263.2015.1015126>
- Ellis, C., & Pantucci, R. (2016). *Policy paper 4: «Leakage» and interaction with authorities* (Countering Lone-Actor Terrorism Series No. 8). London: Royal United Services

- Institute for Defence and Security Studies. Obtido de
https://rusi.org/sites/default/files/201602_clat_policy_paper_4.pdf
- Ellis, C., Pantucci, R., Zuijdewijn, J. de R. van, Bakker, E., Gomis, B., Palombi, S., & Smith, M. (2016). *Lone-Actor Terrorism Final Report* (Countering Lone-Actor Terrorism Series No. 11). London: Royal United Services Institute for Defence and Security Studies.
- European Commission. (2011). *Internal security: Report* (Special Eurobarometer No. 371). Obtido de http://ec.europa.eu/public_opinion/archives/ebs/ebs_371_en.pdf
- European Union-DG COMM. (2015). *Eurobarometer 432 «Europeans' attitudes towards security»*. Brussels: European Union. Obtido de
<http://bookshop.europa.eu/uri?target=EUB:NOTICE:DR0415208:EN:HTML>
- Europol. (2015). *European Union Terrorism Situation and Trend Report 2015*. Obtido de
<https://www.europol.europa.eu/content/european-union-terrorism-situation-and-trend-report-2015>
- Europol. (2016). *European Union Terrorism Situation and Trend Report 2016*. Obtido de
<https://www.europol.europa.eu/content/european-union-terrorism-situation-and-trend-report-2016>
- Feldman, M. (2013). Comparative Lone Wolf Terrorism: Toward a Heuristic Definition. *Democracy and Security*, 9(3), 270–286.
<https://doi.org/10.1080/17419166.2013.792252>
- Ferreiro, S., Konde, E., Fernández, S., & Prado, A. (2016). INDUSTRY 4.0: Predictive Intelligent Maintenance for Production Equipment. Obtido de
https://www.phmsociety.org/sites/phmsociety.org/files/phm_submission/2016/phme_c_16_069.pdf
- Füredi, F. (2007). *Invitation to terror: the expanding empire of the unknown*. London ; New York: Continuum.

Ganor, B. (2002). Defining Terrorism: Is One Man's Terrorist another Man's Freedom Fighter?

Police Practice and Research, 3(4), 287–304.

<https://doi.org/10.1080/1561426022000032060>

Ganor, B. (2015). *Global alert: the rationality of modern Islamist terrorism and the challenge to the liberal democratic world*. New York: Columbia University Press.

Gill, P., Horgan, J., & Deckert, P. (2014). Bombing Alone: Tracing the Motivations and

Antecedent Behaviors of Lone-Actor Terrorists,,. *Journal of Forensic Sciences*, 59(2),

425–435. <https://doi.org/10.1111/1556-4029.12312>

González, A. L., Freilich, J. D., & Chermak, S. M. (2014). How women engage homegrown terrorism. *Feminist Criminology*, 9(4), 344–366.

Greene, J. R. (2006). *Encyclopedia of Police Science: 2-volume set*. Routledge. Obtido de

[http://books.google.com/books?hl=en&lr=&id=Il-](http://books.google.com/books?hl=en&lr=&id=Il-2AgAAQBAJ&oi=fnd&pg=PP1&dq=%22Foundation,+Washington,%22+%22Crime+and%22+%22Connecticut+State%22+%22Houston+State%22+%22of+Central%22+%22Houston+State%22+%22of+Ottawa,+Ontario,%22+%22of+Missouri%E2%80%93St.%22+%22Centre+for+the+Study%22+%22of+Palms+Police%22+%22Green+State%22+%22&ots=Kq-EYahGAD&sig=zIwa3yZob0D9Pn9QFR3EFhD1Brl)

[2AgAAQBAJ&oi=fnd&pg=PP1&dq=%22Foundation,+Washington,%22+%22Crime+and%22+%22Connecticut+State%22+%22Houston+State%22+%22of+Central%22+%22Houston+State%22+%22of+Ottawa,+Ontario,%22+%22of+Missouri%E2%80%93St.%22+%22Centre+for+the+Study%22+%22of+Palms+Police%22+%22Green+State%22+%22&ots=Kq-](http://books.google.com/books?hl=en&lr=&id=Il-2AgAAQBAJ&oi=fnd&pg=PP1&dq=%22Foundation,+Washington,%22+%22Crime+and%22+%22Connecticut+State%22+%22Houston+State%22+%22of+Central%22+%22Houston+State%22+%22of+Ottawa,+Ontario,%22+%22of+Missouri%E2%80%93St.%22+%22Centre+for+the+Study%22+%22of+Palms+Police%22+%22Green+State%22+%22&ots=Kq-EYahGAD&sig=zIwa3yZob0D9Pn9QFR3EFhD1Brl)

[ston+State%22+%22of+Ottawa,+Ontario,%22+%22of+Missouri%E2%80%93St.%22+%22](http://books.google.com/books?hl=en&lr=&id=Il-2AgAAQBAJ&oi=fnd&pg=PP1&dq=%22Foundation,+Washington,%22+%22Crime+and%22+%22Connecticut+State%22+%22Houston+State%22+%22of+Central%22+%22Houston+State%22+%22of+Ottawa,+Ontario,%22+%22of+Missouri%E2%80%93St.%22+%22Centre+for+the+Study%22+%22of+Palms+Police%22+%22Green+State%22+%22&ots=Kq-EYahGAD&sig=zIwa3yZob0D9Pn9QFR3EFhD1Brl)

[2Centre+for+the+Study%22+%22of+Palms+Police%22+%22Green+State%22+%22&ots=Kq-](http://books.google.com/books?hl=en&lr=&id=Il-2AgAAQBAJ&oi=fnd&pg=PP1&dq=%22Foundation,+Washington,%22+%22Crime+and%22+%22Connecticut+State%22+%22Houston+State%22+%22of+Central%22+%22Houston+State%22+%22of+Ottawa,+Ontario,%22+%22of+Missouri%E2%80%93St.%22+%22Centre+for+the+Study%22+%22of+Palms+Police%22+%22Green+State%22+%22&ots=Kq-EYahGAD&sig=zIwa3yZob0D9Pn9QFR3EFhD1Brl)

[EYahGAD&sig=zIwa3yZob0D9Pn9QFR3EFhD1Brl](http://books.google.com/books?hl=en&lr=&id=Il-2AgAAQBAJ&oi=fnd&pg=PP1&dq=%22Foundation,+Washington,%22+%22Crime+and%22+%22Connecticut+State%22+%22Houston+State%22+%22of+Central%22+%22Houston+State%22+%22of+Ottawa,+Ontario,%22+%22of+Missouri%E2%80%93St.%22+%22Centre+for+the+Study%22+%22of+Palms+Police%22+%22Green+State%22+%22&ots=Kq-EYahGAD&sig=zIwa3yZob0D9Pn9QFR3EFhD1Brl)

[EYahGAD&sig=zIwa3yZob0D9Pn9QFR3EFhD1Brl](http://books.google.com/books?hl=en&lr=&id=Il-2AgAAQBAJ&oi=fnd&pg=PP1&dq=%22Foundation,+Washington,%22+%22Crime+and%22+%22Connecticut+State%22+%22Houston+State%22+%22of+Central%22+%22Houston+State%22+%22of+Ottawa,+Ontario,%22+%22of+Missouri%E2%80%93St.%22+%22Centre+for+the+Study%22+%22of+Palms+Police%22+%22Green+State%22+%22&ots=Kq-EYahGAD&sig=zIwa3yZob0D9Pn9QFR3EFhD1Brl)

Gruenewald, J., Chermak, S., & Freilich, J. D. (2013a). Distinguishing «Loner» Attacks from

Other Domestic Extremist Violence: A Comparison of Far-Right Homicide Incident and

Offender Characteristics. *Criminology & Public Policy*, 12(1), 65–91.

<https://doi.org/10.1111/1745-9133.12008>

Gruenewald, J., Chermak, S., & Freilich, J. D. (2013b). Far-Right Lone Wolf Homicides in the

United States. *Studies in Conflict & Terrorism*, 36(12), 1005–1024.

<https://doi.org/10.1080/1057610X.2013.842123>

Hewitt, C. (2003). *Understanding terrorism in America: from the Klan to al Qaeda*. London ;

New York: Routledge.

- Hine, C. (2000). *Virtual ethnography*. London ; Thousand Oaks, Calif: SAGE.
- Joosse, P. (2017). Leaderless Resistance and the Loneliness of Lone Wolves: Exploring the Rhetorical Dynamics of Lone Actor Violence. *Terrorism and Political Violence*, 29(1), 52–78. <https://doi.org/10.1080/09546553.2014.987866>
- Kaati, L., & Svenson, P. (2011). Analysis of Competing Hypothesis for Investigating Lone Wolf Terrorist (pp. 295–299). IEEE. <https://doi.org/10.1109/EISIC.2011.60>
- Kaplan, J. (1997). ‘Leaderless resistance’. *Terrorism and Political Violence*, 9(3), 80–95. <https://doi.org/10.1080/09546559708427417>
- Kaplan, J., Löow, H., & Malkki, L. (2014). Introduction to the Special Issue on Lone Wolf and Autonomous Cell Terrorism. *Terrorism and Political Violence*, 26(1), 1–12. <https://doi.org/10.1080/09546553.2014.854032>
- Kenney, M. (2010). Beyond the Internet: mētis, techne , and the limitations of online artifacts for islamist terrorists. *Terrorism and Political Violence*, 22(2), 177–197. <https://doi.org/10.1080/09546550903554760>
- Knoll, J. L. (2010). The «pseudocommando» mass murderer: part I, the psychology of revenge and obliteration. *The Journal of the American Academy of Psychiatry and the Law*, 38(1), 87–94.
- Kruglanski, A. W., & Fishman, S. (2009). Psychological factors in terrorism and counterterrorism: Individual, group, and organizational levels of analysis. *Social Issues and Policy Review*, 3(1), 1–44.
- Kushner, H. W. (2003). *Encyclopedia of terrorism*. Thousand Oaks, Calif: Sage Publications.
- Laqueur, W. (2001). *A history of terrorism*. New Brunswick, N.J: Transaction.
- Leenaars, J., & Reed, A. (2016). *Understanding lone wolves: Towards a theoretical framework for comparative analysis*. The Hague: The International Centre for Counter-Terrorism.
- Martin, G. (2016). *Understanding terrorism: challenges, perspectives, and issues* (5th edition). Los Angeles: SAGE.

- McCauley, C., & Moskalenko, S. (2008). Mechanisms of Political Radicalization: Pathways Toward Terrorism. *Terrorism and Political Violence*, 20(3), 415–433.
<https://doi.org/10.1080/09546550802073367>
- McCauley, C., & Moskalenko, S. (2011). *Friction: how radicalization happens to them and us*. Oxford ; New York: Oxford University Press
- McCauley, C., & Moskalenko, S. (2014). Toward a Profile of Lone Wolf Terrorists: What Moves an Individual From Radical Opinion to Radical Action. *Terrorism and Political Violence*, 26(1), 69–85. <https://doi.org/10.1080/09546553.2014.849916>
- Meloy, J.R., Hempel, A. G., Mohandie, K., Shiva, A. A., & Gray, B. T. (2001). Offender and offense characteristics of a nonrandom sample of adolescent mass murderers. *Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry*, 40(6), 719–728
- Meloy, J. R., Hoffmann, J., Guldemann, A., & James, D. (2012). The role of warning behaviors in threat assessment: An exploration and suggested typology: warning behaviors in threat assessment. *Behavioral Sciences & the Law*, 30(3), 256–279.
<https://doi.org/10.1002/bsl.999>
- Meloy, J.R., & O’Toole, M. E. (2011). The concept of leakage in threat assessment. *Behavioral Sciences & the Law*, 29(4), 513–527. <https://doi.org/10.1002/bsl.986>
- Reid Meloy, J., & Yakeley, J. (2014). The Violent True Believer as a «Lone Wolf» - Psychoanalytic Perspectives on Terrorism: Psychoanalytic Perspectives on Terrorism. *Behavioral Sciences & the Law*, 32(3), 347–365. <https://doi.org/10.1002/bsl.2109>
- Mezirow, J. (1991). *Transformative dimensions of adult learning* (1st ed). San Francisco: Jossey-Bass.
- Mezirow, J. (1997). Transformative learning: Theory to practice. *New directions for adult and continuing education*, 1997(74), 5–12.

- Moskalenko, S., & McCauley, C. (2011). The psychology of lone-wolf terrorism. *Counselling Psychology Quarterly*, 24(2), 115–126.
<https://doi.org/10.1080/09515070.2011.581835>
- Mullen, P. E., James, D. V., Meloy, J. R., Pathé, M. T., Farnham, F. R., Preston, L., ... Berman, J. (2009). The fixated and the pursuit of public figures. *Journal of Forensic Psychiatry & Psychology*, 20(1), 33–47. <https://doi.org/10.1080/14789940802197074>
- Narayanan, A., Paskov, H., Gong, N. Z., Bethencourt, J., Stefanov, E., Shin, E. C. R., & Song, D. (2012). On the Feasibility of Internet-Scale Author Identification. IEEE.
<https://doi.org/10.1109/SP.2012.46>
- Newman, G. R., & Clarke, R. V. G. (2010). *Policing terrorism: An executive's guide*. DIANE Publishing. Obtido de
<http://books.google.com/books?hl=en&lr=&id=8Mcpf0rbXCIC&oi=fnd&pg=PT4&dq=%22from+the%22+%2207:+Recognize+the+Limits+of+%E2%80%9CTake+Them%22+%2214:+Don%E2%80%99t+Overstate+the+Risk+of+Foreign%22+%2221:+Help+the+FBI%E2%80%94Join+Your+Local+Joint+Terrorism+Task%22+&ots=lrwD7LOJy5&sig=76oNgVFkQ6Fp5NdGQ1j826NWryY>
- Norwegian Ministry of Justice and Public Security. (2014). Action plan against radicalisation and violent extremism.
- O'Toole, M. E. (2000). *The school shooter: A threat assessment perspective*. Quantico: Critical Incident Response Group, FBI Academy, National Center for the Analysis of Violent Crime.
- Palombi, S., & Gomis, B. (2016). *Policy paper 2: Attack methodology and logistics*. London: Royal United Services Institute for Defence and Security Studies. Obtido de
https://rusi.org/sites/default/files/201602_clat_policy_paper_2_v2.pdf
- Pantucci, R. (2011a). *A typology of lone wolves: Preliminary analysis of lone Islamist terrorists*. International Centre for the Study of Radicalisation and Political Violence. Obtido de

- http://www.academia.edu/download/24801864/1302002992icsrpaper_atypologyoflone_wolves_pantucci.pdf
- Pantucci, R. (2011b). What Have We Learned about Lone Wolves from Anders Behring Breivik? *Perspectives on Terrorism*, 5(5–6), 27–42.
- Pantucci, R., Ellis, C., & Chaplais, L. (2015). *Lone Actor Terrorism: Literature Review* (Countering Lone-Actor Terrorism Series No. 1). London: Royal United Services Institute. Obtido de https://rusi.org/sites/default/files/201512_clat_literature_review_0.pdf
- Pennebaker, J. W., & Chung, C. K. (2008). Computerized Text Analysis of Al-Qaeda Transcripts. Em K. Krippendorff & M. A. Bock (Eds.), *The Content Analysis Reader* (pp. 453–465). California: Sage. Obtido de <https://pdfs.semanticscholar.org/36f7/bc12735cbcb6ec4a1e0096c680c3f51c133a.pdf>
- Phillips, P. J. (2011). Lone wolf terrorism. *Peace Economics, Peace Science and Public Policy*, 17(1), 1–29.
- Rapoport, D. C. (2004). The four waves of modern terrorism. Em A. Cronin & J. Ludes (Eds.), *Attacking terrorism: elements of a grand strategy* (pp. 46–73). Washington, DC: Georgetown University Press.
- Sageman, M. (2008). *Leaderless jihad: terror networks in the twenty-first century*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- Schmid, A. (2004). Terrorism-the definitional problem. *Case W. Res. J. Int'l L.*, 36, 375.
- Schmid, A., & Jongman, A. J. (2005). *Political terrorism: a new guide to actors, authors, concepts, data bases, theories, & literature* (Rev., expanded, and updated ed). New Brunswick, N.J: Transaction Publishers.
- Shone, A. (2010, Maio 17). Countering lone wolf terrorism: sustaining the CONTEST vision. Obtido 9 de Fevereiro de 2017, de <http://henryjacksonsociety.org/2010/05/17/countering-lone-wolf-terrorism-sustaining-the-contest-vision/>

- Silber, M. D., & Bhatt, A. (2007). *Radicalization in the West: The homegrown threat*. Police Department New York. Obtido de http://moonbattery.com/graphics/NYPD_Report-Radicalization_in_the_West.pdf
- Simon, J. D. (2013). *Lone wolf terrorism: understanding the growing threat*. Amherst, N.Y: Prometheus Books.
- Skogan, W.G. (2006). The promise of community policing. Em D. Weisburd & A. A. Braga (Eds.), *Police innovation: Contrasting perspectives* (pp. 27–43). Cambridge, UK: Cambridge University Press
- Skogan, Wesley G., & Hartnett, S. M. (1997). *Community policing, Chicago style*. New York: Oxford University Press.
- Spaaij, R. (2010). The enigma of lone wolf terrorism: An assessment. *Studies in Conflict & Terrorism*, 33(9), 854–870.
- Spaaij, R. (2012). *Understanding lone wolf terrorism: global patterns, motivations and prevention*. Dordrecht ; New York: Springer.
- Spaaij, R. (2015). Lone Actors: Challenges and Opportunities for Countering Violent Extremism. Em A. Richman & Y. Sharan (Eds.), *Lone Actors—An Emerging Security Threat* (NATO Science for Peace and Security Series E: Human and Societal Dynamics, Vol. 123, pp. 120–131). Amsterdam: IOS Press.
- Spaaij, R., & Hamm, M. S. (2015a). Endgame? Sports Events as Symbolic Targets in Lone Wolf Terrorism. *Studies in Conflict & Terrorism*, 38(12), 1022–1037.
<https://doi.org/10.1080/1057610X.2015.1076695>
- Spaaij, R., & Hamm, M. S. (2015b). Key Issues and Research Agendas in Lone Wolf Terrorism. *Studies in Conflict & Terrorism*, 38(3), 167–178.
<https://doi.org/10.1080/1057610X.2014.986979>

- Springer, N. R. (2009). *Patterns of radicalization: Identifying the markers and warning signs of domestic lone wolf terrorists in our midst* (Dissertação de mestrado não publicada). Naval Postgraduate School, Monterey. Obtido de <http://oai.dtic.mil/oai/oai?verb=getRecord&metadataPrefix=html&identifier=ADA514419>
- Stern, J. (2004). *Terror in the name of God: why religious militants kill* (1. ed). New York, NY: Ecco.
- Striegher, J.-L. (2013). Early detection of the lone wolf: advancement of counter-terrorism investigations with an absence or abundance of information and intelligence. *Journal of Policing, Intelligence and Counter Terrorism*, 8(1), 35–53. <https://doi.org/10.1080/18335330.2013.789596>
- Taleb, N. N. (2005). *Foiled by randomness: the hidden role of chance in life and in the markets* (2nd ed., updated). New York: Random House.
- Taleb, N. N. (2007). *The black swan: the impact of the highly improbable* (1st ed). New York: Random House.
- Thomson, J. A. (2007). Beating the odds: In the war on terrorism, it takes both skill and chance. *RAND Review*, 31(3), 30.
- Weimann, G. (2012). Lone wolves in cyberspace. *Journal of Terrorism Research*, 3(2). Obtido de <http://jtr.st-andrews.ac.uk/article/405/430/>
- Weinberg, L., Pedahzur, A., & Hirsch-Hoefler, S. (2004). The Challenges of Conceptualizing Terrorism. *Terrorism and Political Violence*, 16(4), 777–794. <https://doi.org/10.1080/095465590899768>
- Wildavsky, A. B. (1988). *Searching for safety*. New Brunswick, USA: Transaction Books.
- Williams, M. J., Horgan, J. G., & Evans, W. P. (2016). The critical role of friends in networks for countering violent extremism: toward a theory of vicarious help-seeking. *Behavioral*

Sciences of Terrorism and Political Aggression, 8(1), 45–65.

<https://doi.org/10.1080/19434472.2015.1101147>

Wilner, A. S., & Dubouloz, C.-J. (2011). Transformative Radicalization: Applying Learning Theory to Islamist Radicalization. *Studies in Conflict & Terrorism*, 34(5), 418–438.

<https://doi.org/10.1080/1057610X.2011.561472>

Wiskind, C. (2016). *Lone wolf terrorism and open source jihad: An explanation and assessment*.

Obtido de <https://www.ict.org.il/UserFiles/ict-lone-wolf-osint-jihad-wiskind.pdf>

